



FLAME

MULHERES TRAIIDAS 3

MARGARET TANNER



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



FLAME

MULHERES TRAIADAS 3

MARGARET TANNER



FLAME

MULHERES TRAIIDAS 3

MARGARET TANNER

1ª Edição


teabhar
2024
Ribeirão Preto

DIREITOS AUTORAIS



Título Original: Flame
Women Betrayed #3
Copyright©2018 por Margaret Tanner
Copyright da tradução©2024 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Pedro Esteves
Revisão: D. Marquezi
Diagramação e Capa: Labellaluna Web®

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

T167lbe

Tanner, Margaret
Título: Flame (recurso eletrônico) © Leabhar Books Editora Ltda.
2024 - Ribeirão Preto - SP
Tradução de: Flame © 2017 Margaret Tanner
Formato: e-Pub
Veiculação: Digital
ISBN 978-65-5444-277-0

1. Romance Australiano. 2. Histórico. 3. Western I. Esteves, P. II. Título

80754

CDD 82-32
CDU 134.3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. Rua Sete de setembro. 1851 conj. 1 CEP: 14025-200 - RP/SP - Brasil
E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com



AGRADECIMENTO:



Obrigada Susan Horsnell, por sua contínua ajuda e apoio.

Nível de calor: *Tema adulto, mas são apresentadas apenas cenas sexuais leves.*

CAPÍTULO UM



DAKOTA DO SUL, 1870

TEMPO PRESENTE, MASON FALLS, A DEZ MILHAS DE YANKTON.

— Sua prostituta. — os tons estridentes da mulher, tanto quanto as palavras, pararam Laura Prentice em seu caminho. Quase deixou cair uma bandeja de bolos, no chão do *Ye Old English Tea House*.

Suas mãos voaram para seu rosto e ela arfou em choque, quando pedaços de fruta podre bateram na frente de seu vestido. Os rostos da multidão estavam contorcidos de ódio, e Laura quase desmaiou de medo. Apertou seus dentes para impedir-se de começar a tremer na porta. Desesperadamente, olhou ao redor por ajuda, não houve nenhuma.

— Não é digna de conviver com pessoas tementes a Deus. — gritou uma mulher vestida de marrom.

— Devíamos puni-la. Expulsá-la da cidade. — berrou outro.

A multidão estava crescendo, empurrando-se para entrar na loja. Laura sabia que não podia demonstrar medo ou eles a atacariam, como um bando de cães raivosos.

— Graças a Deus. — quase desmaiou de alívio quando o xerife entrou, seu distintivo brilhando na luz do sol, suas esporas tilintando. Seu jovem policial correu, alguns passos atrás dele.

— O que, diabos, está acontecendo? — ele abriu caminho entre a multidão — Quem começou esse tumulto?

— Ela começou, Flame, a prostituta imunda. Mesmo o nome é uma abominação. — a mulher de marrom gritou.

— Circulando. — o xerife ordenou — Garanta que obedeçam. — instruiu seu policial, que imediatamente obedeceu.

— Agora, — seguiu uma trêmula Laura para a sala de jantar da casa de chá e bateu a porta — O que é tudo isso?

— Não sei, xerife, apenas entraram e começaram a gritar insultos. — piscou para deter as lágrimas. Ousaria contar-lhe a história horrível?

Essas velhotas hipócritas da Sociedade de Temperance apontaram-se como guardiãs da moralidade da cidade — O que, diabos fez, para enfurecê-las tanto?

— Realmente não conheço nenhuma delas, algumas podem ter vindo aqui

por chá e bolo quando minha mãe estava aqui, mas não tenho certeza. O que fará?

— Elas realmente não fizeram nada, então, tudo o que posso fazer é dispersá-las.

— E quanto às frutas podres que jogaram em mim? — olhou para seu vestido manchado.

— Viu quem realmente jogou?

— Não.

— Bem, lamento. Meu conselho é fechar sua loja por alguns dias, até elas irem embora.

— Obrigada. — fraca com o choque, cambaleou para trás, enquanto ele deu alguns passos para a porta, antes de se virar.

— Certifique-se de trancar tudo. Ficarei de olho no lugar quando fizer minhas rondas noturnas.

— Obrigada. — esperou até ele se afastar e fez como instruiu, verificou as janelas e trancou bem a porta da frente. Lágrimas pinicavam o fundo de seus olhos. Ela e sua mãe moravam em quartos no fundo da loja, e, agora que sua mãe partiu, ela pensou em ter uma vida confortável para si mesma. Teria, não tivesse a mão do destino se levantado contra ela.

Sua vida estava em ruínas. Tinha que sair da cidade. Ir para longe. Alguém deve tê-la reconhecido como Flame, uma prostituta do Âncora Dourada. Um cliente talvez? Alex? Se ao menos tivesse cabelos comuns, poderia ter se misturado com todos, mas seus cachos ruivos destacavam-se como um farol.

Caiu em uma cadeira, dobrou seus braços sobre seu peito e balançou de um lado para o outro. *Flame*, nunca pensou que um dia ouviria aquele nome novamente. Por que não fez as malas e partiu, no momento que chegou em casa, que era seu plano original? Obviamente, não se afastou longe o suficiente do alcance de Alex.



TRÊS MESES ANTES — YANKTON

Laura caminhou até uma ponte estreita e ficou olhando para o rio Missouri, que fluía rapidamente. Deveria estar triste por sua mãe e seu novo marido terem partido em um barco a vapor na primeira etapa de sua viagem de volta à Inglaterra. Ela convidou Laura para ir junto, para não parecer mal aos olhos do novo marido. Nas suas costas, sua mãe disse: — Não quero que venha conosco; pode ficar com a loja.

Preferia muito mais ficar aqui e continuar gerenciando a casa de chá inglês que sua mãe começou depois que abandonou seu pai e a ela, quando tinha oito anos. Depois que seu pai morreu, quando ela tinha quinze anos, sua mãe, Eliza Prentice, apareceu para o funeral e ordenou que Laura deixasse o rancho e voltasse para Yankton com ela. Acontece que ela não fez isso por amor, mas por trabalho gratuito. Faziam uma renda adequada em vez de rica, assando tortas e doces ingleses, de receitas secretas, transmitidas durante gerações, pelo lado de sua mãe.

Eu deveria estar mais angustiada por mamãe partir, mas não estou, e seria hipocrisia fingir que estava.

Eliza era uma mulher fria e arrogante. Nunca foi cruel, a não ser que deixar o marido e o filho sem um bom motivo e, de má vontade, acolher a criança quando o pai dela morreu, fosse crueldade.

Aos dezessete, Laura estava realmente capacitada para continuar cozinhando e servindo seus clientes sozinha. A única coisa decente que sua mãe fez, foi passar para ela todas suas habilidades culinárias e receitas. Apoiou-se na grade e olhou para a água. Quão escura ela parecia, mesmo sob o sol da tarde.

Um bêbado tropeçava cantando alto. Olhando em volta, não viu mais ninguém. Foi tolice ficar pensando aqui fora, sozinha, em vez de voltar para o quarto de hotel barato, que ela reservou para a noite. O bêbado cambaleou, deu uma guinada para frente e ela sentiu um repentino e forte empurrão nas costas. Gritando, ela caiu no rio. Água encheu sua boca, quando ela emergiu cuspidando e sufocando.

— Socorro! Socorro! — seus pedidos desesperados ecoavam ocos em seus ouvidos, enquanto ela lutava para voltar para a margem. A corrente era forte e continuou arrastando-a, enquanto lutava para sobreviver, uma tarefa nada fácil, com uma saia e anáguas pesando sobre ela, pressionando-a cada vez mais fundo nas profundezas lamacentas.

Finalmente, depois do que pareceram horas, ela agarrou um galho de árvore suspenso, o choque de suportar o peso de seu corpo quase arrancando seus braços de suas cavidades — Socorro! Socorro!



Onde, diabos, Samuel esteve durante todo esse tempo? E como ousava um mero criado gritar daquele jeito? Alex Trembath saiu de seu escritório. Derrapou, até parar no corredor abobadado. Seu criado estava encharcado e carregava uma garota em seus braços. Ela estava encharcada também.

— Eu a tirei do rio, patrão.

A garota estava completamente vestida, seu vestido rasgado e sujo. Como lava, seu longo cabelo ruivo caía sobre o braço de Samuel.

— Leve-a para a cozinha. — ordenou. Se ela não fosse tão linda, ele não teria se incomodado de segui-los, mas não pôde resistir ao desejo de olhar seu lindo corpo nu.

Samuel colocou a garota sobre a mesa de cozinha — Tire suas roupas, antes que pegue um resfriado. — Alex ordenou. Enquanto Samuel tirava seu casaco encharcado e abaixava para tirar suas calças, Alex olhou para suas costas, as cicatrizes entrecruzadas e pele enrugada testemunhavam as várias chicotadas severas que ele recebeu como um escravo de plantação, muitos anos atrás.

— Pegue alguma coisa para secá-la.

A garota estava inconsciente, não era de admirar com um enorme galo em sua testa. Seu vestido e roupas íntimas estavam arruinados então Alex os

arrancou e os jogou no chão. A pele dela era branca, lisa como a porcelana mais fina, seus seios grandes e firmes, coroados com mamilos rosa escuro.

Samuel voltou com toalhas, ele as arrancou das mãos de seu criado e começou a secar a menina. Não uma menina, uma moça, dezessete anos ou mais, se não estivesse enganado. Ela choramingou e seus olhos abriram. Nunca viu um verde tão brilhante antes.

Fazia um longo tempo desde que ele viu uma moça tão encantadora. Secou seu cabelo primeiro, levantando as mechas finas, antes de soltá-las. Elas caíram sobre os ombros dela e espalharam sobre seu peito. Cuidadosamente secou seu corpo com a toalha, levantando seus seios, esfregando os mamilos, até que brotassem, de suas auréolas escuras, as pálidas gemas de rubi. Abaixando, deslizou a toalha pelas pernas dela. Ficou chocado ao notar um tremor em suas mãos, no momento que alcançou sua coxa interna.

Ela estava acordada agora, olhando em volta, com olhos cheios de medo.

— Qual é o seu nome?

Recebeu olhar vazio de olhos verdes... — Eu...eu não sei. —disse, em uma suave voz melódica.

— O que?!

— Onde estou?

— Em minha casa, eu sou Alex Trembath. Filho bastardo do Lorde Trengowey e uma garçonne inglesa de taverna. — poderia ter dito, mas não disse. Ódio crescia em seu peito, toda vez que pensava na injustiça feita a sua mãe.

— Vou chamá-la de Flame, por causa de seu lindo cabelo vermelho. — nunca viu uma cor assim antes. Parecia que estava em chamas. Alex riu de sua própria ingenuidade.

Dando uma olhada na beleza nua de Flame, enrolou um cobertor sobre seu corpo trêmulo, antes de levantá-la da mesa. Parecia tão pequena e frágil, que algo no fundo dele, alguma latente faísca de decência, o impediu de tratá-la como a prostitua que provavelmente era.

— Gostaria de algo para beber? — estalou seus dedos para Samuel, que correu com uma caneca de leite quente.

— Vá cuidar de suas obrigações agora, depois está livre pelo resto da noite. — disse — Cuidarei dela, agora.

— Sim, patrão.

Jogou a garota sobre seus braços, pegou um lampião e subiu para seu quarto e a jogou, nua, na grande cama de casal.

Ela não tentou se cobrir, e, pela luz do lampião, ele apreciou sua nudez imaculada.

Deitou-se de costas, seu cabelo espalhado como lava sobre o travesseiro dele. As coxas estavam separadas, seus cachos ruivos brilhando na luz do lampião. Teve um vislumbre tentador de um botão rosado timidamente saindo da feminilidade dela. Inclinou-se e reivindicou seus lábios, algo que ele normalmente não faria com uma prostituta, entretanto, essa garota era

diferente; por salvar sua vida, não poderia ter negado a si mesmo.

— Não. — ela balançou a cabeça de um lado para o outro — Por favor, não.

Alex não sabia por que recuou. Era um prêmio muito precioso para perder, sendo impaciente. Que trunfo seria para seu saloon Âncora Dourada. Seus clientes ficariam loucos por ela.

Ela não tinha experiência, rapidamente percebeu, mas, assim que ele a treinasse na arte de dar prazer a homens, Flame traria muitos clientes e muito dinheiro.

Controle sua impaciência, homem, conquiste sua confiança e afeto, depois poderá moldá-la em qualquer coisa que quiser.

Não sabia por que mulheres o achavam atraente, realmente não ligava. Talvez fosse o sotaque inglês da classe alta, que ele cultivou. Nunca deixou que seus dias de marinheiro aparecerem na maneira como falava. As mulheres rapidamente enlouqueciam pela pose de cavalheiro inglês, que ele aperfeiçoou.

Não, o prêmio da virgindade de Flame era muito precioso, para arruinar sendo impaciente. Alguns dias paparicando e mimando e ela cairia em suas mãos, como uma fruta madura.



Alex colocou seus planos em ação imediatamente. Ela estava tremendo, então ele tirou suas roupas e subiu na cama com ela. Ela hesitou, quando ele a tomou em seus braços.

— Não tenha medo, eu nunca machucaria alguém tão linda assim. O calor de meu corpo irá esquentá-la.

Ele acariciou as costas dela com dedos gentis, até a tremedeira diminuir.

— Conte-me o que se lembra sobre sua vida.

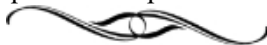
— Não consigo lembrar quem eu sou, — a voz dela hesitou — ou porque estava na água.

— Deixa para lá, minha querida, sua memória voltará assim que o choque passar.



Por três dias, Alex passou quase cada minuto com Flame, dia e noite. Quando tinha que sair, ordenava a Samuel que cuidasse dela. Ninguém mais sabia que ela estava aqui e era assim que ele queria isso. Precisava que ela se tornasse dependente dele, contanto com ele e somente ele. Isso estava funcionando também. Observava a maneira que os olhos dela o seguiam. Como sua doce boca se curvava em um sorriso para ele.

Enrolava seu corpo confiantemente no dele, quando a segurava nua em seus braços, todas as noites. Não lhe deixou se vestir exceto, por um vestido diáfano, quase transparente quando compartilhavam uma refeição.



Flame estava sentada no salão de Alex, quando ele entrou — Bem, minha favorita, como está se sentindo agora?

Alex estava tão grandioso, um verdadeiro cavaleiro inglês, de calças pretas, com uma costura lateral trançada, sua camisa branca, coberta por um fraque azul. Vestia coldres duplos, com armas de cabo de ébano.

— Amanhã, se estiver disposta, a levarei para comprar um guarda-roupa totalmente novo. Não posso deixar nenhum outro homem vê-la nessa vestimenta delicada, mostra muito de seu lindo corpo. Providenciarei para que Samuel lhe empreste um vestido, para usar quando formos sair. A irmã dele é aproximadamente do seu tamanho.

— Tem sido tão gentil comigo Alex, não sei como um dia o retribuirei.

— Não preocupe sua cabeça bonita com isso, gosto de lhe proporcionar coisas. Acho que estou apaixonado. — jogou seu trunfo — Nunca pensei que encontraria uma mulher com quem quisesse me casar.

— Oh, Alex. — pulou da cadeira e jogou-se em seus braços — Te amo tanto.

— Isso é bom. Talvez depois possa me mostrar quanto?

Deu-lhe um olhar confuso, depois, um vermelho delicado tingiu suas bochechas.

“Como tirar doce de um bebê”, ele pensou. Sua ofensiva de charme obviamente funcionou. Depois dessa noite, ela seria dele, em todo o sentido da palavra, corpo e alma, lhe pertenceria.



Naquela noite, na cama, os lábios dela estavam macios e trêmulos, quando ele os separou com sua penetrante língua impaciente. O corpo dela endureceu, então ele a acalmou com palavras doces. Sua boca trabalhava contra a dela, sua mão foi no seio dela; apertou o mamilo, entre seu dedão e indicador, e gentilmente o lambeu, até formar um pico florido. Começou a sugar o outro mamilo, puxando-o profundamente em sua boca. Ela tinha o gosto tão bom, que ele estava relutante em mover seus lábios mais embaixo, em sua pele de porcelana.

Negando a si mesmo, aumentando sua necessidade, até que estivesse no limite, lambeu e sugou, afagou e acariciou seu caminho abaixo, no corpo dela. Finalmente, ele separou suas coxas.

— Não! Não. — ela gritou.

Era muito tarde, ele já estava dentro dela. Tendo dormido com muitas mulheres, em seus trinta e cinco anos na Terra, nunca viu ou provou tanta perfeição. Moveu-se lentamente, ritmicamente, deixando-a levá-lo para essa caverna de prazer, um pouco de cada vez, até que seu desejo cresceu em uma poderosa intensidade de necessidade e puríssima luxúria. De repente, seu controle acabou e ele entrou nos recessos mais profundos dela. O corpo dela estremeceu e ele ouviu um grito de dor, enquanto tirava a virgindade de Flame.

Olhou para seu rosto. Suas bochechas estavam molhadas com lágrimas, seus olhos escuros e devastados. Pela primeira vez em sua vida, quase sentiu remorso por algo que fez.

Balançando-a gentilmente, lambeu suas lágrimas. Ela descansou uma bochecha molhada contra seu peito nu, aconchegando seu corpo tão confiantemente no seu, que ele se desprezou pelo desejo selvagem invadindo-o mais uma vez.

— Me machucou. — ela disse em uma voz suave e hesitante, enquanto acariciava seu queixo com uma mão macia e delicada.

— Não haverá dor da próxima vez, minha favorita, apenas êxtase. — que prazer será ensinar a ela todas as delícias da carne.



Alex acordou na manhã seguinte e apoiou-se em um cotovelo, para olhar no rosto da garota deitada ao seu lado. Um machucado feio em sua testa, de sua queda no rio, sumiu. Seus longos cílios dourados repousavam sobre bochechas que estavam agora esfoladas pela aspereza da barba não feita, porque ele não se barbeava a alguns dias. Havia manchas cinzentas debaixo dos olhos dela, e a pele, esticada sobre suas maçãs do rosto, tinha a textura de mármore branco polido.

Ele jogou as cobertas da cama para trás e a sacudiu para acordá-la.

Confusa pelo sono, ela olhou para ele com olhos lindos e assombrados.

— Te quero de novo. — com um rugido feroz, estendeu a mão para ela. Assim que sua paixão passou, ele se afastou e saiu da cama.

Mesmo antes dele abaixar-se e rolar sobre ela, sabia que estava chorando e angustiada, com a feroz e desrespeitadora maneira que a tomou.

— Por quê? — ela perguntou, de maneira entrecortada.

— Porque, minha putinha, está aqui para me dar prazer, e quando eu terminar contigo, atenderá homens no saloon Âncora Dourada.

— Não. Não. Não quero mais ninguém.

Ele vestiu suas roupas e saiu do quarto. Ela teria que se acostumar a ser tratada com desprezo por seus clientes. Pagavam preços altos por mulheres e esperavam que seu dinheiro valesse a pena.

Na cozinha, Samuel estava preparando o café da manhã.

— Bom dia, patrão. Está com fome?

Alex sentou-se, recostou na cadeira e fechou os olhos. Não se importava se Flame recuperasse sua memória ou não. Seria melhor para ele se não recuperasse, mais fácil de manipulá-la.

CAPÍTULO DOIS



Flame pairou na porta da pequena sala de estar e olhou para Alex. Em repouso, seu rosto perdeu as linhas ásperas. Estava completamente nua. O homem negro que ela conheceu como Samuel lhe trouxe comida, forneceu uma bacia para lavar-se, depois retirou os lençóis que estavam manchados com seu sangue virginal.

O cabelo castanho escuro de Alex estava penteado para trás de seu rosto e enrolado sobre seus ombros. O mais alto de três botões de sua camisa estava desabotoado, ela pôde admirar a forte coluna de sua garganta e as partes bronzeadas superiores de seu peito. Seus olhos azuis penetrantes pareciam olhar através dela. Como anunciaria sua chegada?

Ela bateu na porta e entrou — Samuel...

Alex abriu seus olhos e suas narinas dilataram — Venha aqui.

Aproximou-se dele sentindo-se nervosa e agitada. O sol entrava pela janela aberta enquanto ela o obedecia.

— Por favor, o que disse antes, sobre os outros homens. Não quero mais ninguém.

Ele riu rudemente — Eu te possuo, corpo e alma. Não faça nada a menos que eu diga que pode.

Não conseguia se lembrar quem era ou de onde veio originalmente. A única coisa familiar em sua vida, agora, era Alex.

Samuel juntou-se a eles e se arrastou até o armário e voltou carregando um fino, quase transparente vestido branco. Era enfeitado com fios dourados e tocou o chão, quando ele o passou sobre sua cabeça.

Alex levantou-se e se aproximou.

— Bom. — disse — Agora, sua feiticeira ruiva, é hora de que eu a leve para conhecer meu parceiro Jacques Duval.

Ele amassou o charuto na sola de sua bota, e entregou o toco para Samuel — Vou levá-la, cuide de suas obrigações. — dispensou Samuel com um breve aceno de cabeça.

Alex destrancou uma pesada porta de madeira e entrou em um corredor sombrio, e, com pernas trêmulas, ela o seguiu. Samuel contou-lhe que Alex e Jacques eram coproprietários do saloon e bordel Âncora Dourada.

Não demorou muito para eles alcançarem uma porta fortemente cravejada. Abriu-a empurrando e atravessou, ela apressou-se atrás dele. Entraram em

uma sala grande, e ela piscou com a opulência absoluta. Dourado e vermelho eram as cores dominantes aqui. Havia três poltronas vermelhas, uma mesa com uma toalha branca, duas cadeiras e um baú enfeitado.

Viu em alguns segundos, antes que um homem loiro alto, de idade parecida a Alex, aparecesse atrás de uma cortina.

— O que está fazendo aqui, meu amigo? — o homem perguntou — Então, essa é a mulher que tem tomado tanto do seu tempo. Já está preparado para compartilhá-la?

Flame arfou e suas mãos voaram para sua boca, em choque. O medo quase a dominou quando ela lançou um olhar desesperado e suplicante para Alex — Por favor. Aproximou-se dele — Não quero ir.

Alex deu um sorriso cruel e suas narinas dilataram.

— Ah! Sr. Alex. — uma negra alta, de cabelo negro, saiu de trás da cortina vermelha. Usava calças largas de seda vermelha, que exibiam suas longas pernas. Os primeiros botões de seu casaco até a cintura estavam desabotoados e deixavam seus seios grandes pendurados, livres.

Ela olhou para Alex. Flame sentiu uma pontada em seu coração, quando ele estendeu uma mão e girou o mamilo da mulher, entre seu dedão e indicador.

— Depois. Essa é Flame, é nova, leve-a e a apresente para os clientes. — os lábios de Alex afinaram — Eles podem olhar, mas não tocar. — rosnou — Ela é minha, por enquanto.

— Parece tão virginal. — Jacques disse.

— Bem, foi, até noite passada.

— Quem é ela? — Jacques perguntou — De onde veio?

— Não sei e nem ligo. Samuel a tirou do rio, inconsciente. Havia um galo na sua testa do tamanho de um ovo e ela não conseguia lembrar nada. Tirei sua virgindade então, isso a torna minha, até eu me cansar.

Jacques riu — E a educará em todas as delícias da carne?

— O que acha?

Com pernas trêmulas, Flame seguiu a mulher para outra sala magnífica, com lamparinas enormes penduradas no teto com afrescos.

— Nenhum outro homem pode te ter até Alex permitir. Sou Ebony, cuido da saúde de vocês, garotas.

— Ele foi gentil comigo noite passada, então hoje ele foi...

— Cruel?

— Sim. Ele disse que atenderei outros homens. — Flame contorceu suas mãos.

— Não posso, simplesmente não posso.

— Ouça-me, Flame, ou seja lá o seu nome. Pertence a Alex e ao Âncora Dourada. Não crie complicações, e será bem tratada. Faça o que te ordenarem. Divirta os homens, isso não é tão ruim. É muito caro para caubóis empoeirados desfrutarem das mulheres daqui.

— Eu não poderia, por favor Ebony, não poderia me ajudar a escapar?

— Não, não pretendo cometer suicídio. Não sairá daqui, a menos que um

dos homens goste muito da sua atuação e possa comprá-la.

— O que?! — sua situação estava ficando pior a cada minuto. *Se, ao menos, pudesse lembrar quem sou e de onde vim.* Um homem de meia-idade pançudo aproximou-se delas e Flame recuou de sua mão estendida.

— Venha aqui, garota. — ele pegou seu braço e a balançou contra sua barriga gorda. Vômito subiu em sua garganta, quando ela sentiu o suor de antecipação.

— Ela não está disponível no momento. — Ebony disse.

— Pago caro para vir aqui, então, posso ter qualquer puta que quiser.

— Lamento. — Ebony disse — Terá que discutir isso com os proprietários.

Enquanto elas circulavam, Flame notou que a maioria das garotas estavam vestidas com vestidos flutuantes transparentes, como ela. As portas que saíam da parede oposta eram, obviamente, onde as garotas levavam os homens, se quisessem privacidade. Um homem se sentava em uma mesa, segurando uma bebida e batendo na sua bota, com um chicote de cabo curto, que tinha quatro tiras. Ele o usaria?

“Por favor Deus, me salve desse lugar horrível.” Queria que Alex viesse e a pegasse e a levasse de volta para sua casa.

Como se pensar nele o materializasse, ele caminhou em sua direção e ela teve que se forçar a não correr para ele.

— Acha que gostará de trabalhar aqui? — houve uma torção amarga em sua boca.

— Não! Não. — as palavras saíram em um soluço — Por favor, não me deixe aqui. Vou te dar prazer, serei obediente, apenas não me obrigue a ficar aqui.

Ele ficou com o rosto sombrio, sem falar, enquanto ela suplicava e implorava.

Alex viu o terror em seus olhos, mas não disse nada para aliviar seu medo. Ele não tinha intenção de deixá-la aqui “ainda”. Ansiava pelo corpo doce dela, desejava o gosto dela, não que jamais fosse admitir isso. Ela merecia sofrer um pouco mais, tinha que aprender que ele era o mestre aqui e esperava absoluta obediência.

— Tudo bem, pode voltar comigo. — o sorriso radiante dela quase o surpreendeu. Deus, ela era linda — Se não me obedecer, se submeter a todas minhas vontades, aqui é onde ficará, e deverá atender uma dúzia de homens por dia. Fui claro?

Deveria ter-lhe dado um pouco da poção especial de Ebony, essa manhã, mas esteve muito ocupado, desfrutando de seu corpo, para pensar em mais alguma coisa. Só Deus sabia o que tinha naquela merda. Isso restringia o fluído mensal de uma mulher, permitindo-a continuar a atender os clientes, e, mais importante, as impedia de conceber um filho. Ninguém saberia melhor do que ele como era nascer um bastardo. Teve que assistir sua mãe prostituir-se para colocar comida em sua barriga, enquanto seu pai aristocrata esbanjava dinheiro com seus herdeiros legítimos e várias amantes, deixando sua mãe e

ele praticamente passarem fome, em ruas imundas de Londres.



Flame esteve com Alex por várias semanas quando, essa manhã em particular, Ebony a levou para uma grande sala com tábuas polidas no chão e janelas com cortinas pesadas. Luzes de lamparinas lançavam sombras sinistras sobre as paredes. Seu olhar chocado se fixou em uma enorme roda. Dois homens a agarraram, abriram seus braços e os prenderam a um raio da roda, assim como suas pernas. O medo a engoliu e ela lutou para soltar-se, sem sucesso. De repente, Alex se aproximou.

— Por favor, Alex, tire-me daqui.

Ignorando-a, ele inclinou-se e moveu uma alavanca, que Flame não havia notado. Com um suave ruído, a roda lentamente começou a girar. Inicialmente, ela estava congelada de medo; isso deu lugar para a raiva dos olhares lascivos de vários homens que, de repente, apareceram e empurraram, uns aos outros, por uma visão privilegiada.

Os comentários vieram fortes e rápidos, sugestivos, obscenos e degradantes. Sentiu-se como um pedaço de carne, pendurado em um gancho de açougueiro, com clientes brigando por ele.

A roda fez uma volta completa, enquanto espectadores imploravam por mais. No momento que a roda girou pela quarta vez ela estava sentindo-se tonta. Lutava muito contra suas amarras, para o divertimento da audiência.

— Quanto para comprá-la? — alguém perguntou.

— Ela não está à venda, mas, por cinquenta dólares, os cavalheiros podem desfrutar da companhia dela, por algumas horas. — Alex disse, em uma voz fria e sem emoção.

Ebony escreveu os nomes dos homens em um pequeno livro de capa de couro. Assim que eles soltaram suas amarras, Flame caiu no chão e ficou lá, até Ebony gesticular para dois homens de Alex a levantarem.

Alex virou-se e foi embora, obviamente não ligando para o sofrimento dela. Idiota que foi por acreditar em suas mentiras. Não a amava, esteve apenas treinando-a para atender seus clientes. Ela não podia fazer isso. Simplesmente não podia.

Propositalmente, deixou seu corpo ficar mole.

— Levem-na para o quarto verde. — Ebony disse — Trabalhará lá, a partir de agora.

O quarto verde era exatamente isso, pintado de verde claro, com cornijas verdes mais escuras e douradas. A cama de dossel era coberta por veludo verde. Depois de a jogarem na cama, os homens saíram pisando duro.

— Agora, irá se comportar e dar aos clientes o que querem? — Ebony pairava sobre ela, como um anjo vingativo.

— Não. Não sou uma prostituta.

— Sim, é, minha querida. Alex garantiu. Mesmo se pudesse fugir daqui. — Flame seguiu o olhar da outra mulher para as janelas gradeadas — Para onde iria? Não tem dinheiro, nem memória. Não chegaria longe, andando nas ruas

nessas roupas. Seria estuprada e, provavelmente, assassinada pelo primeiro homem que a visse.

— Eu...eu... — lágrimas escorreram pelas bochechas de Flame — Não quero viver assim. — gritou em angústia.

— Que pena. Faça o melhor com isso. Economize qualquer dinheiro extra que o cliente te der e conseguirá comprar sua liberdade. Ou, seja tão obediente, que algum homem venha a querê-la como sua amante.

Ebony acariciou seus cachos escuros — Agora, enxugue seus olhos e descanse, vou iniciá-la aos poucos, apenas três homens, essa noite.

Saiu, deixando Flame soluçando em seu travesseiro.

Depois de um tempo, Flame se levantou da cama e aproximou-se da janela. O quarto ficava no segundo andar. Amarrar lençóis juntos lhe permitiria descer até o chão, se, ao menos, pudesse sair pelas janelas gradeadas. Sacudiu cada barra e eram duras como pedra. De jeito nenhum, e poderiam ser retiradas sem ferramentas de algum tipo.

No meio da tarde, Ebony entrou, carregando uma bandeja preparada com bolo e café.

— Não quero isso. — Flame a empurrou.

— Está sendo tola, não adianta lutar contra o inevitável. Terá três homens para atender essa noite, e irá atendê-los.

— Não pode me obrigar, Alex não pode...

— Minha querida, Alex pode obrigá-la a fazer o que quiser, é seu dono.

— Contarei aos clientes que estou sendo mantida contra minha vontade.

— Sua garota idiota. Acha que eles ligam? Tudo o que querem é ficar entre suas pernas e fazer seu dinheiro valer a pena.

Flame pegou a bandeja e a jogou contra a parede — Isso é o que penso de sua comida.

Ebony lhe deu um olhar prolongado e furioso — Lamentará isso. — começou a limpar a bagunça, antes de sair do quarto.

Cinco minutos depois, Ebony voltou, acompanhada por dois homens. Eles prenderam seus braços e pernas, para que não pudesse se mover. Ebony inclinou-se, agarrou sua boca e derramou um líquido amargo em sua garganta. Ela tossiu e cuspiu, mas Ebony continuou derramando, até o copo estar vazio.

Os homens a soltaram, e Flame se levantou na cama, tossindo e cuspidando.

— Isso te acalmará. — Ebony dispensou os homens com o aceno de uma mão, antes de sentar-se numa cadeira ao lado da cama.

O que era essa coisa horrível? Não era a bebida leitosa que Alex costumava lhe dar para beber, para que não concebesse um filho. Seus olhos ficaram pesados, ela lutou para mantê-los abertos, depois, finalmente, desistiu de lutar.



Flame acordou e, atordoadamente, olhou em volta. Era noite. Duas lamparinas estavam acesas, uma sobre a penteadeira, a outra pendurada no teto. Lutou para focar seus olhos, tudo estava confuso e distorcido.

Passando uma mão sobre seu corpo, ficou chocada por se encontrar nua.

Tentou pensar em algo importante, mas não conseguiu fazer seu cérebro funcionar direito.

Um homem entrou no quarto. Ela olhou para ele, depois baixou seus olhos. Era alto e magro. Tirou sua roupa e subiu na cama, colocou seus braços em volta dela e acomodou sua cabeça entre seus seios.

— Bebi demais. — ele disse — Mas estou comemorando, ganhei um monte de dinheiro no baralho e pretendo ter um pouco de diversão. O que uma linda garota está fazendo, trabalhando em um lugar como esse? — arrastou suas palavras levemente. Não era de admirar que seu hálito fedia a uísque.

— Não quero estar aqui, apenas não tenho para onde ir, nenhum dinheiro. — não lhe contou que havia perdido sua memória. Ela tem tido lampejos de lembranças, de tempos em tempos. Uma loja, algo a ver com comida, era uma coisa que se destacava.

— Se eu lhe der dinheiro, sairá daqui? — chocou-a, perguntando.

— Sim. Sim. Cem vezes sim.

Ele suspirou — Apenas me abrace por enquanto, garota linda. Qual o seu nome?

— Flame.

— Hum, combina com seu cabelo, querida.

— Qual é o seu nome?

Ele não respondeu, sua mão cobriu seu seio e ela percebeu que ele adormeceu. Seu casaco estava pendurado atrás da cadeira. Mencionou ter ganho muito dinheiro, talvez essa fosse sua chance. Ele estava bêbado e não notaria.

Não tinha certeza de quem era ou de onde veio; qualquer coisa tinha que ser melhor que isso.

As mãos dele eram ásperas, indicando que fazia trabalho manual. Um caubói talvez? Um chapéu Stetson preto estava na cadeira, perto das roupas dele. Nenhuma arma, embora Alex tivesse uma regra de não permitir armas dentro do Âncora Dourada.

O homem despertou — Está acordada, querida?

— Sim.

— Bom. — murmurou alguma coisa antes de virar e adormecer mais uma vez.

CAPÍTULO TRÊS



Forçando sua mente a funcionar, Flame saiu silenciosamente da cama, pisou de mansinho e tirou o casaco do homem de uma cadeira. O desejo de autopreservação limpou o nevoeiro restante em seu cérebro. Essa era, provavelmente, sua primeira e única chance de escapar.

Remexeu em seus bolsos até encontrar o dinheiro, um belo rolo de notas. Pegou aproximadamente a metade. Apesar do desespero, não podia deixá-lo sem nada. Não chegou nesse nível.

Viu um colete e o pegou. Andando na ponta dos pés até o guarda-roupa, pegou seu vestido mais escuro, um cetim verde-escuro e o vestiu. Ele murmurou algo e ela ficou imóvel, até que sua respiração pesada veio mais uma vez.

O vestido era decotado, assim com todos seus vestidos e mostrava muito. Ele gritava garota de saloon e pomba suja. Deslizando seus braços no colete marrom claro, ela o abotoou, cobrindo seus seios expostos satisfatoriamente.

Se ele fosse um homem menor, teria tido que vestir suas roupas, mas ela tinha apenas um metro e sessenta e cinco de altura, em comparação com os mais de um metro e oitenta dele.

Como poderia escapar? Sua melhor chance era sair pela porta lateral, perto da cozinha, e rezar para que ninguém a visse.

Sentindo-se baixa e desprezível por roubar o dinheiro do caubói, silenciosamente saiu do quarto. Olhando para as portas trancadas de cada lado do corredor, a maioria sendo usada, pelos gemidos, grunhidos e risos, apressou-se até alcançar uma porta.

Por favor não esteja trancada. Por favor não esteja trancada. Não estava. Abriu-a e desceu lentamente as escadas. Levavam ao saloon, que estava vivo, mesmo a essa hora.

Cyril tocava o piano e vários caubóis estavam cantando. Um rapaz bêbado, com um sorriso em seu rosto, e cheirando a lavanda, que era borrifada pelos quartos e sobre as pombas, para disfarçar quaisquer cheiros desagradáveis, esteve obviamente lá em cima.

— Boa noite, lindo. — enlaçou seu braço no dele — Gostaria de comprar uma bebida para uma dama?

— Ficaria muitíssimo honrado. — ele disse, com um sorriso malicioso.

Forçou-se a sorrir para o barman. Ela raramente vinha aqui, a menos que

ordenada a fazê-lo.

— O que está fazendo aqui embaixo, Flame, e usando um colete de homem?

— Estou tomando uma bebida com esse lindo caubói. — passou sua língua lentamente sobre seu lábio inferior, como viu algumas das outras mulheres fazerem — E, talvez, um pouco mais.

Acotovelou seu companheiro nas costelas e ele sorriu — Deve ser minha noite de sorte. — apertou seu seio e ela se esforçou para não esbofetear o sorriso malicioso em seu rosto.

— E quanto ao colete? — o barman olhava para ela.

— Oh isso. — deu o que esperava fosse um riso descuidado — Um presente de um cliente satisfeito.

Dando-lhe as costas, focou sua atenção no rapaz — Que tal sairmos no jardim lateral, onde podemos tomar nossas bebidas a sós, e talvez um pouco mais.

Ele pagou pelas bebidas e, com o braço dela entrelaçado no seu, foram para a varanda lateral, onde arbustos e pequenas árvores cercavam um pequeno jardim murado. Alex a havia trazido aqui fora, para tomar uma bebida depois do jantar, enquanto a estava atraindo nessa doce armadilha, no que parecia outra vida.

Não era mais uma garota amnésica de rosto fresco, inocente nos caminhos do mundo, mas uma mulher amargurada, tão desonrada, que nenhum homem decente iria querer. Se sua memória voltasse, ela ainda seria uma mulher caída. Nada jamais poderia apagar isso.

Rapidamente engoliu a bebida que o rapaz lhe comprou. Era muito perigoso ficar vagando por aqui, caso Alex ou Ebony a pegassem.

— Já brincou de esconde-esconde quando menino, bonitão?

— Sim, brinquei.

— Bem, cubra seus olhos e conte até cem.

— Cem?

— Sim. Se me encontrar haverá uma recompensa. — deu uma risada baixa e sedutora. Ela era uma criatura desprezível, tendo afundado em tal profundidade de depravação, que a assustava. *Eles fizeram isso comigo. Estou lutando para sobreviver, agora.* Se ela fosse pega, Alex provavelmente a mataria. O medo se engasgou em sua garganta.

— Tudo bem. Um, dois, três.

Ela se dissolveu na escuridão, e alcançou um portão lateral. Estava trancado. Desesperadamente, buscou por outra saída.

— Vinte e cinco, vinte e seis.

Desespero deu-lhe a força para passar por cima dele e cair no chão. Um galho de árvore acertou-a na cabeça, fazendo-a ver estrelas, mas ainda conseguiu fugir. Tinha que se afastar o máximo possível, antes de sua ausência ser descoberta. A retribuição seria rápida e mortal se a pegassem.

Aonde poderia ir? A neblina entorpecente deixou seu cérebro, sua cabeça

doía, e ela estava tremendo. Vá para o rio, uma voz gritava dentro de sua cabeça, e, sem hesitação, obedeceu.

Deliberadamente, arrancou os babados e debruns de seu vestido, e os prendeu em um arbusto perto do rio, na esperança de que qualquer perseguidor pensasse que caiu e se afogou.

Tinha que conseguir uma troca de roupas, para que não fosse vista vagando pelas ruas em um vestido de garota de saloon. Alcançou uma estreita ponte pedonal. Havia um rugido em seus ouvidos. Era tão alto, que seus tímpanos quase explodiram. Um bêbado a empurrou no rio, aqui. A memórias estavam voltando. Seu nome era Laura Prentice, da Casa de Chá *Ye Old English*. Ainda estaria lá? Por quanto tempo sua mãe pagou o aluguel?

Continuou correndo, até doer para respirar, e seu coração bater contra sua caixa torácica. Parando por um momento, olhou em volta. Nada parecia familiar na escuridão, embora luzes distantes estivessem visíveis. Uma cidade, talvez? Saiu da estrada e tomou o que, esperançosamente, seria um atalho pelo campo. Podia sentir a aspereza sob seus pés, e diminuiu para uma caminhada acelerada, para não tropeçar sobre pedras e árvores caídas não vistas. Seus perseguidores estariam a cavalo. De jeito nenhum, qualquer cavaleiro arriscaria sua montaria nesse terreno difícil, no escuro.

Quando o amanhecer iluminou o céu, se viu não muito longe da loja. Entrando em um beco, acelerou seu passo, apesar de estar exausta das milhas que viajou. Assim que alcançasse a loja, estaria segura. Poderia mudar para roupas respeitáveis, esconder-se por um dia ou mais, até a busca terminar, depois partir, para nunca mais voltar.

Alcançou a loja e a placa, *Casa de Chá Ye Old English*, continuava. Correu para o depósito de lenha, onde uma chave extra era sempre guardada. Tateando na penumbra, finalmente a encontrou. Saindo do depósito, foi para a porta dos fundos e, com mãos trêmulas, a destrancou e entrou, trancando a porta atrás dela.

Depois de acender uma lamparina, olhou em volta. O lugar estava empoeirado, obviamente ninguém esteve aqui, desde que saiu para despedir-se da mãe, na primeira etapa de sua viagem de volta para a Inglaterra.

Se ficar quieta aqui, posso descobrir a melhor coisa a fazer.

Os armários ainda continham comida, então podia facilmente ficar aqui, sem sair. Ninguém no Âncora Dourada soube seu verdadeiro nome ou de onde veio. Mason Falls era a várias milhas de Yankton.

Com o dinheiro que roubou do caubói, e um pouco que foi escondido debaixo de um tijolo solto ao lado da lareira, e algumas peças de joia de sua mãe, poderia começar de novo, em algum lugar distante. Talvez o rancho do pai.



O som de vidro quebrando trouxe Laura de volta ao presente. Sua situação, aqui e agora, era quase tão perigosa quanto quando esteve no Âncora Dourada. Aproximando silenciosamente da porta, ela escutou. Nenhum som

vinha então, cuidadosamente, abriu e olhou para fora.

Ela podia ver pouco. Uma rajada de vento a alertou do fato que a janela da frente foi quebrada. Não ousava sair e verificar o estrago, embora fosse provável que ninguém ainda estivesse por perto. Os covardes haviam jogado algo pesado no vidro antes de fugirem.

Seu passado obviamente a alcançou. Chega de adiar, tinha que partir amanhã e nunca voltar. Ir para tão longe, que ninguém jamais a reconheceria como Flame, que trabalhou no saloon Âncora Dourada.

Se fosse para o rancho do pai, estaria segura. Ainda estaria lá, depois de mais de dois anos? Tinha a escritura dele, então, com certeza, pela lei, era ainda dela.

Lá novamente, Inglaterra talvez? Não podia pagar por isso, não tinha o tempo para implorar para sua mãe enviar dinheiro para uma passagem, mesmo se concordasse com isso, o que era duvidoso. Sempre sentiu que era um peso para sua mãe, que estava fora de lugar, como uma rosa no deserto do rancho isolado do pai. Dama da mansão teria sido mais do seu agrado. Como duas pessoas que eram tão incompatíveis, se casaram?

Apaticamente, Laura fez para si uma xícara de chá. Seu estômago não podia lidar com comida nesse momento.

O que a fez mudar seus planos para reabrir a loja? Arrogância? Estupidez? Agora, se as mulheres loucas da Sociedade da Temperança da cidade não a pegassem, Alex ou alguém do Âncora Dourada pegaria. A parte mais assustadora era que essas mulheres sabiam que ela havia sido chamada de Flame. Como poderiam descobrir isso, a menos que alguém do Âncora Dourada lhes contasse? Mais assustador, Alex devia conhecer seu nome verdadeiro.

Laura quase morreu de susto, quando uma batida alta e urgente veio da porta dos fundos — Abra, Srta. Prentice. É o xerife.

Com pernas trêmulas, tropeçou até a porta, destrancou e a entreabriu. Olhando para fora, viu o xerife, com uma bota apoiada no degrau, o chapéu levantado na testa.

— Desculpe, me assustou. — abriu espaço para deixá-lo entrar.

— Obrigada por arranjar alguém para cobrir a janela quebrada. Eu não sei, mas o ouvi batendo.

— Apenas fazendo meu trabalho.

— Gostaria de uma xícara de chá?

— Não obrigado. Tenho más notícias.

— O que foi? — torceu suas mãos.

— Não é da minha conta condenar mulheres por seu estilo de vida, embora eu esteja surpreso que...

— Sabe onde estive nas últimas semanas? O que fiz? — medo e nojo subiram em sua garganta, até sua boca ficar amarga com o gosto disso.

— Algum vagabundo estava falando sem parar no saloon sobre uma prostituta ruiva, de olhos verdes, do Âncora Dourada, em Yankton. É a

senhorita?

Em poucas frases vacilantes contou-lhe toda a asquerosa história, apenas omitindo sobre roubar o dinheiro do caubói, porque isso parecia muito desprezível.

— Sim, bem, simpatizo com o que lhe ocorreu, mas ainda tem que sair daqui, o mais rápido que puder. O pessoal do Âncora Dourada ofereceu uma recompensa por sua captura. Eles a acusam de roubar uma grande quantidade de dinheiro do dono.

— Não roubei. Juro.

— Acredito no que diz. Eles não prestam, mas até realmente quebrarem a lei aqui, não há nada que eu possa fazer.

— Não sou uma pessoa ruim. O que aconteceu comigo foi um pesadelo.

— Não há tempo para recriminações agora. Lamento pelo que lhe aconteceu. Esses cafajestes baixos merecem serem enforcados por isso, mas, realmente, não quebraram nenhuma lei aqui. O problema é, eles sabem quem é, e onde a loja fica. Só Deus sabe como, mas sabem. Provavelmente estão esperando até o amanhecer para atacar.

— Eles me forçaram a...

— Pode provar isso? Seria a sua palavra contra vários deles. Saia da cidade, vá para algum lugar bem longe daqui e comece de novo.

— Se ao menos pudesse, mas estou quebrada.

— Eu a ajudarei a sair daqui, é o máximo que posso fazer.

— Obrigada. Fui insensata em reabrir a loja. Deveria ter empacotado minhas coisas e partido imediatamente.

— Conhece Henry Atkins?

— O homem manco?

— Sim, esse é ele. Posso pedir-lhe para levá-la para o posto de parada. Ele conduz uma carroça coberta, então ninguém te verá. — esfregou a mão no queixo, coberto de barba por fazer — Dessa maneira, poderia levar uma mala com suas coisas, em vez de apenas uma bolsa de carpete.

— Na verdade, conheço os filhos de Henry. Eles costumavam vir aqui na hora de fechar e eu dava às pobres criancinhas quaisquer sobras.

— Sei que lhes dava, assim como Henry, é por isso que ele a ajudará. As pessoas não se importam com soldados feridos, depois que a guerra termina, especialmente se lutaram do lado perdedor.

— Ele foi ferido na guerra?

— Sim. Gettysburg, aparentemente.

— Existem alguns sacos de farinha e açúcar aqui, uma pena desperdiçar isso. Móvel também. — acenou em volta — Henry pode ficar com isso.

— Faça sua mala, essa noite, pedirei para ele vir assim que amanhecer. Pode tirá-la da cidade, e eu a encontrarei perto do posto de parada e te ajudarei a embarcar em segurança na carroça.

— Muito obrigada.

Ele assentiu — Oh, assine um pedaço de papel, dizendo que deixa tudo

deixado aqui na loja para Henry. Tornando isso legal. Não queremos o pobre homem sendo acusado de roubo.

— Nunca serei capaz de retribuir sua gentileza, xerife.

— Tome cuidado e viva uma vida decente. — disse rispidamente — Isso será agradecimento o suficiente. Oh, outra coisa. Sei que costumava usar esses vestidos pretos e aventais rendados na loja, quando sua mãe estava aqui. Seria melhor se vestir de preto. Se tiver um gorro, com um véu sobre ele, como algumas mulheres de luto usam, isso ajudaria a disfarçá-la.

— Que boa ideia. Mamãe se vestiu assim para o funeral de papai.

— Banque a viúva de luto, até estar segura. Tem algum lugar para ir?

— Sim. Papai tinha um rancho nos Hills, eu podia ir para lá e ficar quieta, por um tempo.

— Poderia funcionar. — esfregou seu queixo — Tem alguém vivendo lá agora?

— Não tenho certeza, meu pai era o único dono e deixou para mim, em seu testamento.

— Parece ideal. — andou pelo quarto — Tem dinheiro?

— Sim, tenho economizado um pouco.

— Meu conselho é, não vá direto do posto de parada para onde pretende ir. Muito fácil rastreá-la desse jeito. Desça em Apache Junction que lhe dará três diferentes rotas para escolher.

— Sim, boa ideia, obrigada.

— Esteja pronta para Henry às cinco horas e estará fora da cidade antes da maioria das pessoas acordarem. Direi a ele onde esperar por mim.

— Obrigada, estarei pronta. Há alguma coisa que gostaria de ter daqui?

Ele a olhou.

— Um pequeno gesto de agradecimento por toda sua ajuda.

— Não, acho que não.

— Tenho uma linda porcelana inglesa a base de ossos, se sua esposa quiser algumas peças.

Ele hesitou.

— Não posso levar tudo comigo. Apenas o que Henry não usaria. Bem, ele pode vendê-la, mas eu gostaria de pensar que algumas peças iriam para alguém que gostaria delas.

— Poderia levar algumas de suas peças favoritas.

Ela mordiscou seu lábio inferior. Se ao menos pudesse. As louça e bandejas de cozimento seriam mais difíceis de substituir que as roupas. Muito disso veio da Inglaterra, e seria insubstituível.

— Por favor, deixe-me lhe dar algo.

— Tudo bem, obrigado por sua gentileza. Minha esposa gostará disso.

Laura encontrou uma caixa e colocou um lindo bule branco, recoberto com botões de rosa, com quatro xícaras, pires e pratos combinando — Não deixe cair, eles são frágeis. — entregou-os a ele.

— Minha esposa arrancaria minha pele se eu deixasse. Lamento por isso

Srta. Prentice, realmente lamento. Deveria ter ido para a Inglaterra com sua mãe.

— É muito tarde agora. — orgulho a impediu de dizer que não era desejada por sua mãe ou pelo novo marido. Era terrível estar tão sozinha.

— Boa noite, xerife e obrigada. — acompanhou-o para fora e trancou a porta atrás dele.

O que levar, era o problema. Pelos menos arrumar as malas tiraria sua mente do medo de tentar escapar de uma situação tão diabólica.

Sim, as roupas de viúva foram uma boa ideia. Ninguém esperaria que uma viúva de luto fosse faladeira. Podia sentar-se sozinha em um canto, sem levantar suspeita. Mais importante, isso cobriria seu cabelo. Talvez pudesse fingir estar de luto quando chegasse em Forked Creek, a cidade mais próxima do rancho do pai.

Se ela dissesse que era uma viúva lá, isso significaria mudar seu nome, o que poderia trazer dificuldades, embora sofrer pela perda de seu marido fosse razoável. Talvez ele tenha morrido algumas semanas antes do casamento deles? Caiu morto no altar? Não, isso era muito drástico. Morreu em um acidente, algumas semanas antes do casamento, era bom. Charles, seria seu nome.

Odiava mentir, papai costumava sempre dizer: — *you can't lie*. Bem, ela era ambos, e uma mulher caída também.

Don't think that way or you'll go crazy. It's a victim of dishonesty and betrayal. Era difícil tentar não ficar amarga com a mão que o destino lhe deu.

Quando começou a empacotar as coisas, seu olhar iluminou-se pelo vestido de garota de saloon e, com um grito de angústia, o agarrou e o jogou no fogo. Pegou o colete, mas, de alguma forma, não conseguiu jogá-lo nas chamas. Esfregando sua bochecha contra ele, repreendeu-se por ser uma tola sentimental, mesmo assim, o dobrou e caprichosamente o colocou na mala. Se ao menos soubesse o nome do caubói, talvez pudesse, um dia, devolvê-lo com o dinheiro que roubou dele. O que ele devia ter pensado quando acordou para descobrir que ela se foi? Teria todo o direito de chamá-la de uma prostituta ladra e baixa.

CAPÍTULO QUATRO



Na manhã seguinte, quando o sol nasceu, ela estava pronta e esperando por Henry. Forçou-se a comer uma panqueca, havia até embrulhado algumas em uma toalha de musselina, no caso de precisar de algo para comer mais tarde. Como se quisesse comer. Se nunca experimentasse comida novamente, estaria tudo bem. Uma noção ridícula, porque se não comesse ficaria doente, algo que ela não poderia se dar ao luxo.

Andava de um lado para o outro aguardando por Henry e pelo futuro incerto que a esperava. Qualquer coisa era melhor do que viver no Âncora Dourada. Um nome náutico como aquele, era mais adequado para uma localidade à beira-mar, lá novamente, vaporizadores de pás exerciam seu comércio, subindo e descendo o Rio Missouri. Alex mencionou, uma vez, sobre servir na Marinha Real. Que pena que uma baleia não o engoliu, ou que um tiro de canhão não afundou seu navio.

Não fique amarga ou isso a comerá viva. Sabia que sim, mas não conseguiu se conter, de qualquer maneira.

O que faria, assim que chegasse em Forked Creek? Teria que alugar uma pequena carroça e cavalo do estábulo de libré, para alcançar o rancho. Em que estado ele estaria? Caindo aos pedaços, isso nem precisava dizer, sem gado, quase certamente. A cabana ainda estará de pé?

Havia sido uma construção firme. Papai tinha bons talentos de carpintaria. Ela não duvidava de sua habilidade de cuidar do rancho, seu pai havia sido um mestre rígido. Mesmo quando criança, depois que sua mãe os abandonou, ele esperava que ela cumprisse suas obrigações. Conforme ficava mais velha, não fazia concessões ao sexo dela, ensinando-a e esperando que fizesse o trabalho de um homem.

Quão chocada sua mãe ficou quando a pegou depois do funeral do pai.

— Suas mãos estão duras e calejadas como a de algum caubói comum. Como seu pai pôde deixá-la chegar em tal estado? — Eliza lamentou — Terá que usar luvas quando atender meus clientes. Tenho uma imagem para manter, uma mulher refinada, a dona de uma casa de chá inglesa de alta classe.

— Eu ficaria muito feliz ficando no rancho.

— Fora de questão. É uma abominação sequer pensar em tal coisa. Eu me casei abaixo da minha posição e veja onde isso me levou. Faria bem em lembrar isso minha garota, e não cometer o mesmo erro.

Muito tarde agora; deteve uma risada histórica. Nenhum homem, seja nascido rico ou nascido pobre, jamais a iria querer como uma esposa.

Uma batida forte na porta a fez pular da cadeira. Correu para a porta, depois hesitou — Quem é?

— Henry, o xerife me enviou.

— Apenas um minuto. — nunca falou com o homem, mas o viu à distância, fazendo serviços pela cidade. Conhecia vários de seus filhos muito bem. Sua mãe virava o nariz para os pequenos moleques sujos, sempre brigando com ela por dar-lhes as sobras. Preferiria jogar tudo fora, esse era o tipo de mulher que era. Não era culpa das crianças serem pobres porque seu pai não conseguia trabalhar muito, e sua mãe estava sempre tendo bebês.

Abriu a porta — Bom dia, Henry, obrigada por me ajudar.

— Bom dia madame. — falou com um sotaque sulista definido — O xerife tem sido bom para mim, mais do que posso dizer da maioria das outras pessoas por aqui, excluindo a senhorita. Agradeço-lhe por dar comida aos meus filhos.

— As pessoas por aqui são piedosas hipócritas, a maioria. — retrucou.

Ele era mediano, magro e corcunda, não parecia muito forte. Poderia levantar sua pesada mala?

— Aqui está um pedaço de papel, assinado por mim, dizendo que tudo na loja é seu, fique com as coisas ou venda. O aluguel termina no mês que vem, então tem alguns dias para retirar as coisas.

— Obrigado. — mancou para a mala e grunhiu ao erguê-la no ombro — O que tem aqui, tijolos?

— Não, utensílios de cozinha e louça, além de algumas roupas.

Olhou enquanto ele mancava para a porta dos fundos, que deixou aberta, com um tijolo quebrado. Olhou em volta para uma verificação final, pegou sua bolsinha e bolsa de carpete antes de sair. Essa parte de sua vida estava encerrada. Flame estava morta e enterrada, para nunca mais ressuscitar. Independentemente do que estivesse à frente, não poderia ser pior do que lhe aconteceu durante os últimos três meses.

Caminhou para a carroça coberta de Henry e ele a ajudou a entrar onde se sentou na parte de trás, perto de sua mala — Aqui está a chave da loja, para que possa pegar o que quiser. Se não se importar de entregá-la para o Sr. Brown, no banco, eu ficaria grata. Ele é o dono do prédio.

— Farei isso, madame.

Sem mais conversa, partiram, os cascos do cavalo soando altos demais na rua silenciosa e deserta.



Forked Creek finalmente, depois de dias praticamente cruzando a Dakota do Sul. Com certeza, quatro trocas de diligências teriam despistado quaisquer possíveis perseguidores.

Sentindo-se dura e dolorida, desceu a rua principal. Não havia mudado muito. No fim da rua ficava um estábulo libré. Iria primeiro lá, para alugar

uma carroça que a levaria para o rancho. Com sorte, George, que era também o ferreiro, ainda estaria lá. Era um homem de poucas palavras, então não estaria inclinado a anunciar para todo mundo que Laura Prentice estava de volta na cidade.

Era meio-dia. Acenou para algumas pessoas que olharam em sua direção e sorriu quando passaram. Felizmente, não se esperava que uma mulher, vestida completamente em roupas de luto, parasse e conversasse. Alguns rostos pareceram familiares, seu pai nunca de se socializar muito, e sua mãe, quando viveu aqui, considerava a população local inferior a ela, consequentemente indigna de qualquer coisa, exceto um cumprimento rápido, quando isso não podia ser evitado.

Vários cavalos empoeirados e manchados de suor estavam presos fora do saloon Charging Steer. Passou apressada. Quantas mulheres caídas eram forçadas a trabalhar lá?

Laura entrou no estábulo libré e foi assaltada pelo cheiro de palha fresca e cavalos. Cheirou apreciavelmente, como sentia falta de tudo isso. George ainda estava lá, usando um avental de couro e martelando uma ferradura incandescente. Mergulhou-a em um tonel de água, o repentino barulho sibilante a assustou.

— Olá, madame — disse.

— Olá, George. Sou eu, Laura Prentice. — jogou para trás o véu preto e a expressão chocada do rosto dele teria sido engraçada, em qualquer outro momento.

— Srta. Laura! O que faz aqui?

— Voltei para ficar. Minha mãe se casou novamente e voltou para a Inglaterra, e eu não quis ir.

— Vai para o rancho de seu pai?

— Assim, espero. Tem alguém vivendo lá?

— Não, não desde que seu pai morreu. Está de luto? Quem morreu?

Contou-lhe sobre o noivo inventado, odiando quão convincentes as mentiras saíam de seus lábios.

— Lamento.

— Obrigada. — deu um grande suspiro — Achei que a solidão do rancho me ajudaria a esquecer.

— Um lugar muitíssimo solitário para uma menina viver, entretanto.

— Estou com dezoito anos, agora. Sei que não haverá nenhum gado lá. Deixei minha mala no posto de parada. Preciso alugar uma carroça e um cavalo para me levar ao rancho, para descobrir o que preciso comprar.

— Tem uma pequena carroça que alguém deixou e nunca pegou, a cobertura de lona está faltando, mas, fora isso, é boa o suficiente. Um cavalo pode puxá-la, se não estiver muito carregada. Tenho um ruão, com um pouco de cavalo de tração nele, seria adequado.

— Obrigada. Posso alugá-lo por enquanto, até verificar o rancho e ver o que vou precisar, então virei à cidade, amanhã ou no dia seguinte? Quanto?

— Pague-me quando voltar, Srta. Laura. Vou ajudá-la a prendê-lo. Não esqueceu como conduzir, esqueceu?

— Acho que não. — riu — Contanto que o cavalo seja manso.

Ele sorriu — Muito dócil, preguiçoso demais para ser qualquer outra coisa.

Sorriu para George, enquanto a ajudava a prender o ruão à carroça, provavelmente teria sido chamada de wagonette, supôs, perfeita para suas necessidades, entretanto. As laterais e os fundos tinham cerca de trinta centímetros de altura.

— Estou pensando aqui. — ajudou-a a subir no banco do cocheiro — Vou ao posto de parada, garantir que não esqueceu o que seu pai lhe ensinou. Ele era um homem duro, sempre honesto e justo, entretanto.

Esse era o máximo de conversa que ela podia lembrar de ter com ele — Iaaaá... — bateu as rédeas algumas vezes, antes que o cavalo se movesse. Certamente não era um animal atrevido; lento e estável, adequava-se a ela, até recuperar sua confiança. No posto de parada, George a ajudou a carregar sua mala.

— O que tem aí, pedras?

Ela riu — Não. Louça e alguns utensílios da casa de chá.

Ela deixou George, antes de ir para o armazém geral, para comprar comida o suficiente para mantê-la por alguns dias. O homem no armazém geral era um estranho, adequado para ela, claro, sem necessidade de conversar, exceto para fazer um pedido.

George lhe sugeriu que chamasse e deixasse o xerife saber que estava de volta, para garantir que era seguro morar no rancho. Ela não queria chegar lá para encontrar bandidos na posse dele. A arma e coldre do pai, debaixo de seu casaco de seda preta, era um conforto. Antes de sair do rancho, havia sido uma boa atiradora, mais precisa do que rápida.

Sua mãe recusou que levasse muito do rancho, depois do funeral do pai, embora ela tenha empacotado algumas coisas em oleado e as tivesse escondido em uma cavidade do chão do celeiro. Com sorte, elas ainda estariam lá, poupando-a de comprar novas.

Tinha que ser econômica com seu dinheiro, até se tornar mais autossuficiente ou até conseguisse um trabalho. Que tipo de trabalho conseguiria, não fazia ideia, mas, *otimismo gera sucesso*. Outro dos ditados do pai.

O xerife Davies ainda estava lá, um pouco mais velho e castigado pelo tempo que antes. Quando caminhou para sua mesa, ele retirou seus pés de cima e se levantou.

— O que posso fazer pela senhora, madame?

— Sou eu, xerife Davies, Laura Prentice. — tirou o véu.

— O que está fazendo aqui, garota?

— Estou indo para o rancho do meu pai. George sugeriu que primeiro eu viesse aqui verificar, para garantir que é seguro e ninguém está morando lá.

— Não tem ninguém morando lá, até onde sei. Provavelmente está caindo

aos pedaços agora e...

— Ótimo. Pretendo morar lá.

Ele coçou sua cabeça — Não tenho certeza se é uma boa ideia, é muito isolado lá.

— Posso cuidar de mim mesma.

— Está usando roupas de luto. Sua mãe morreu?

— Não, hum...meu noivo morreu, algumas semanas antes do nosso casamento. — deu um suspiro dramático — Estou usando isso como um sinal de respeito. — está se tornando uma mentirosa compulsiva, Laura Prentice. Outro pecado para acrescentar a sua lista crescente. São Pedro certamente a barraria dos portões de pérolas. Com sorte, seria tão velha quando isso acontecesse, que não ligaria.

— Tenho a papelada do rancho. Papai era o único dono.

— É legalmente seu, Srta. Laura, sei que seu pai lhe deixou em seu testamento. Fui uma das testemunhas. Ainda acho que não seja uma boa ideia viver lá, sozinha.

— Não tenho medo, papai costumava ir para longe, deixando-me, às vezes, por três ou quatro dias. Minha mãe voltou para a Inglaterra, então estou livre para fazer o que quiser, e quero voltar para casa do rancho.

Essa não foi uma mentira completa, foi feliz lá. A vida na casa de chá realmente nunca a agradou. Clientes esnobes, e uma mãe que não se incomodava de esconder o fato de que, particularmente, não a queria lá.

Não a impediu de me obrigar a fazer todo o trabalho sujo, enquanto bancava a dona da mansão, distribuindo chá e doces.

— Tudo bem, garota, estou feliz que me contou sobre ir lá.

Laura despediu-se e caminhou no sol, subiu na carroça e deixou a cidade.



Duas horas depois, parou no rancho Lazy T. Obviamente um prego caiu, deixando a placa pendurada de um lado da entrada arqueada. A escrita, embora desbotada, estava ainda legível.

A grama estava seca e marrom, mais perto do riacho estava mais verde. É assim que sempre foi.

A trilha levando à cabana tinha tufos de grama seca sobre ela, percorrível, mesmo com alguns buracos por onde as chuvas de inverno passaram. A cabana parecia serena no sol da tarde, aninhada a paisagem dos Black Hills.

O curral perdeu algumas vigas transversais, o celeiro e a cabana estavam tão firmes como quando papai os construiu, há mais de vinte anos. Havia sido um território indígena na época. A tribo Lakota nunca lhe causou nenhum problema, provavelmente porque a maioria dos colonizadores brancos não havia chegado ainda, e papai sempre estava preparado para lhes dar um boi ou dois, quando a caça era ruim. *Viva e deixe viver* foi outro de seus ditados. Sempre teve muitos *ditados*; que foram a maneira como viveu sua vida. O único erro que cometeu foi se casar com uma mulher que não queria ou poderia viver aqui.

O telhado da varanda da frente cedeu um pouco, quando um dos postes quebrou. Parou sua carroça no jardim da frente. Impossível para ela tirar sua mala sozinha, a menos que tirasse alguns dos itens pesados, primeiro. Caminhando para a porta, virou a maçaneta. Não estava trancada, ela sequer sabia se havia uma chave ou não.

Atravessando o batente, o odor mofado do vazio invadiu suas narinas. Poeira e teias de aranha cobriam tudo, fora isso, estava em boas condições. A sala e a cozinha eram combinadas, e havia um quarto, que seus pais costumavam compartilhar. Seu pequeno quarto era um loft baixo e coberto, sob as vigas da frente, acessado por uma escada, atrás da porta.

O largo tapete de pele de urso cobrindo o piso de madeira estava coberto de poeira e folhas. Sujo, poeirento, mas habitável, foi sua primeira impressão.

Depois de descarregar a carroça, desarreou o cavalo e o levou para um cercado fechado. Mudando para uma saia marrom, carregou baldes de água, do riacho para um bebedouro, para que o ruão pudesse beber, depois passou a trazer água para a cabana. Um poço ficava perto da porta dos fundos; a corda havia apodrecido e o balde não podia ser encontrado. Esse seria um trabalho para amanhã.

O depósito de lenha, caindo aos pedaços, continha muitas toras cortadas. Carregou várias para a cabana e acendeu o fogo. Colocou a velha cafetera do pai para ferver, também uma panela de água, para fins de limpeza.

Laura trabalhou duro, pelo resto do dia e da noite. O colchão e as cobertas da cama de seus pais estavam secos, embora um pouco mofados, mas ela trouxera roupas de cama recém-lavadas da loja. De manhã, iria olhar o celeiro, para ver se o que guardou ainda estava lá. Nenhuma razão para acreditar que não estaria. Certamente não parecia como se alguém tivesse estado aqui, desde a morte de papai.



Em três semanas, Laura tinha tudo arrumado e funcionando. A cabana estava limpa, de acordo com seus padrões exigentes, tinha uma vaca doméstica, uma dúzia de galinhas e uma robusta égua castanha para montar.

CAPÍTULO CINCO



Uma dor lancinante atravessava o peito de Cal a cada respiração que dava. Sentia como seu um marcador incandescente perfurasse sua carne, lentamente contorcendo e virando para aumentar seu tormento. Suor escorrendo em seus olhos embaçava sua visão. Sua cabeça e corpo queimavam com tanta intensidade, que ele se perguntava por que ainda não incendiou.

— Esse é seu primeiro gosto do Inferno, Caleb Donnelly. — resmungou.

— Acostume-se com isso. — pelo menos havia enviado os irmãos Tolson primeiro, para encontrar Satanás. As chamas do Inferno já estavam, provavelmente, queimando esses animais completamente.

Um hálito quente soprava em seu rosto, seguido pelo breve toque de mãos macias, acariciando sua testa dolorida. Seus olhos abriram e o rosto de um anjo flutuava acima do seu. Tinha pele branca leitosa e cabelo ruivo, que ele notou através de olhos indecisos e nebulosos. Um cheiro de lavanda invadiu suas narinas. Os anjos cheiram a lavanda? Ela o lembrava de uma pomba suja que conheceu, alguns meses atrás, uma beldade ruiva que o roubou. Não podia ser ela, a menos que tenha morrido.

Não via asas de anjo, e ela usava azul em vez de branco. Tinha que haver um engano. Por que foi para o céu invés de para o inferno? Sua vida não foi sem máculas. Matou uma dúzia ou mais de homens, mas nunca atirou em um homem pelas costas, não precisava, sendo muitíssimo rápido no gatilho. Quando garoto, roubava comida, depois de escapar das garras de seus pais bêbados. Talvez não fosse mau o suficiente para o Inferno, era dificilmente adequado para o céu, também.

— Aqui, beba isso. — a voz suave o acariciou.

Água escorrendo por sua garganta lavou a secura empoeirada.

— Tenho que interromper o sangramento e levá-lo para casa. — ela murmurou.

Nunca teve realmente um lar. A casa de um anjo era no céu e ele, voluntariamente, iria para lá, se ela quisesse. Não tinha ninguém na Terra para amar.



Laura olhou para o rosto pálido do homem, mais alguns centímetros para a esquerda e a bala teria perfurado seu coração. Sangue escorria de sua testa, seus olhos estavam inchados e pretos. Alguém o chutou no rosto? Parecia

provável.

Seu cavalo pastava perto, obviamente bem treinado, já que deixou seu cavaleiro perto de um grupo de árvores, assim salvando-o do calor escaldante que fritava a estrada.

O homem usava suas armas penduradas sobre seus quadris. Um pistoleiro talvez? Ela tirou as duas armas dos coldres e correu para sua carroça buckboard. Jogou-as debaixo do assento, antes de abaixar a tampa traseira.

Um chapéu Stetson preto estava no chão, ao lado dele, empoeirado e manchado de suor, como suas roupas. Não tinha a força para levantá-lo para o assento da frente, embora, com sua ajuda, ele poderia conseguir arrastar-se para o traseiro.

Pegou as rédeas de percurso de seu cavalo salpicado de espuma e prendeu-o à carroça buckboard. Essa era a parte fácil, agora tinha que, de alguma forma, mover o homem.

As pernas dela tremiam enquanto sua ansiedade aumentava. E se ele fosse um fora da lei, um matador fugindo? Ousaria arriscar levá-lo para seu rancho, onde vivia sozinha?

Quando ela cavalgasse por ajuda e voltasse, ele estaria morto. Tinha tirado suas armas, seu rifle estava em seu cavalo, e ele estava muito fraco para atacá-la, perda de sangue e desidratação garantiram isso.

— Pare de hesitar, — resmungou — você não pode deixá-lo aqui para morrer.

Inclinou-se e esfregou uma mecha molhada de cabelo preto da testa dele. Sua respiração estava difícil e seu rosto pálido brilhava com suor.

— Precisa se levantar. — deu tapinhas em sua bochecha. Ele não se moveu, então ela o esbofeteou — Acorde.

Ele gemeu, embora seus olhos permanecessem fechados. Pela aparência do inchaço e ferimento ele, provavelmente, não podia abri-los direito. Odiou ter que pegá-lo pelos ombros. Ele xingou por causa da dor.

— Tem que se levantar, para que eu possa levá-lo para casa.

— Casa? — sua voz rouca não foi rude — Não irei a lugar nenhum, meu anjo, ficarei aqui no céu, ao seu lado.

O homem, obviamente, estava delirando — Eu sou Laura.

— Laura, o anjo?

— Não, apenas Laura. — se, ao menos, ela fosse *apenas* Laura. Arrastou-o para uma posição sentado, recolocou seu chapéu e o apoiou contra uma árvore.

— Eu sou Cal.

Ela correu para a carroça buckboard e a conduziu para o mais perto que pôde. Agachando, pegou seu braço bom dele e o apoiou em seu pescoço — Na contagem de três, tente se levantar. Minha carroça buckboard está a apenas alguns passos de distância. Um, dois, três. — gemeu com a dor, enquanto ela o colocava de pé e dobrou-se com o esforço, xingou quando ela o carregou e o arrastou para a carroça buckboard. Caiu contra a traseira, e, com muito

xingamento e gemido, conseguiu embarcar. Desmaiou mais uma vez, melhor ficar assim, a dor devia ser terrível. Ela colocou seu chapéu sobre seu rosto para protegê-lo do sol.

Conduziu para Lazy T, em um ritmo moderado. Sereno contra a paisagem das montanhas, o depósito de lenha cortada os recebeu.

Desceu da carroça buckboard e correu para dentro, para pegar um frasco de uísque.

— Beba isso. — ele tomou alguns goles e tossiu e cuspiu, mas isso o reanimou o suficiente para deixá-la ajudá-lo a entrar na cabana. Com um gemido, ele caiu de joelhos.

— Só mais alguns passos, venha, — implorou — depois poderá descansar em uma bela cama macia.

— Ao seu lado, meu anjo?

— Não. — compartilhou a cama com Alex, e isso foi suficiente por uma vida. Assim que colocou Cal na cama, desafivelou seu cinturão de armas e o tirou. Suas botas, embora empoeiradas e levemente gastas nas solas, eram de boa qualidade. Ele, certamente, não parecia um vagabundo de sela.

Correndo para o fogareiro na cozinha, jogou duas toras nas brasas incandescentes. Uma chuva de faíscas voou com um barulho sibilante. Pendurou a chaleira sobre o fogo. Não ia à cidade muitas vezes, somente quando precisava de suprimentos. Foi o destino que a levou para lá, hoje?

Pegando uma toalha, lençol branco limpo, seu kit de costura e uma lata de pomada, perguntou — Qual é o seu nome completo?

— Caleb Donnelly.

— Agora Caleb, vou limpar e costurar seu ferimento, depois poderá descansar.

— Sou chamado de Cal. Obrigado, meu anjo.

— Não sou um anjo, meu nome é Laura Prentice.

— Parece um anjo para mim. — seu riso acabou abruptamente, com um suspiro de dor.

— Aqui, tome outro gole de uísque. Vou tentar levá-lo para o travesseiro. Pronto?

Ele tomou alguns goles e gaguejou — Como pode beber essa coisa nojenta?

— Puramente para fins medicinais.

Tirou-o de seu colete manchado de sangue e tirou sua camisa, cortando-a.

— Maldição mulher, arruinou minha camisa.

— Está encharcada de sangue e esse foi o jeito mais fácil de livrar-se dela. — jogou-a no chão. Depois de lavar seu ferimento com água morna e sal, ela o costurou, cobriu com pomada e colocou um novo curativo.

— Tem sorte, caubói, a bala atravessou. Não seja tímido, vi o peito descoberto de um homem antes. — mas não como esse, bronzeado, muscular e liso, com espirais de pelo corporal preto.

— Não posso ver. Eu fiquei cego? — pânico afiou sua voz.

— Seus olhos estão tão feridos e inchados, que não consegue ver direito, isso é tudo. Acho que devo enfaixá-los. Eles estão mais inchados agora do que quando o encontrei. Foi chutado no rosto?

— Socado e chutado. Enquanto eu cavalgava, um filho da puta atirou em mim.

— Chega de conversa, precisa descansar. — gentilmente limpou a poeira, sujeira e sangue de seus olhos e rosto. Ele teria sorte se não perdesse sua visão.

Cal caiu em um sono agitado e o olhar dela repousou sobre ele. Agora que estava limpo, era um homem bonito, de um jeito meio bruto. Seu cabelo muito longo era preto e encaracolado, sua mandíbula e queixo cobertos com barbicha preta. Não tinha ideia de que cor seus olhos eram.

Colocou a cafeteira no fogo. Seu estômago roncou com fome, então cortou algumas fatias do pão que assou ontem.

Enquanto ele dormia, descarregou seus mantimentos, desengatou seu próprio cavalo e o de Cal e os levou para o curral.

De volta à cabana, levou a sela de Cal para a varanda. Obviamente viajava com pouca carga. Havia um saco de dormir, alforjes e um rifle, nada mais que pudesse dar alguma indicação do que era ou de onde vinha.

Examinou-o, ele dormia agora, sua respiração não estava mais difícil. Em uma semana ou mais, estaria pronto para cavalgar, para voltar para seja lá o que fazia antes. Por que o coração dela despencou?

Pensativa, ordenhou a vaca de sua casa. Podia convencer Cal a ficar por um tempo? Com a ajuda de um homem, o rancho poderia tornar-se lucrativo.

Não queria sair daqui. Amava a solidão, a beleza indomada. Na primavera, as flores selvagens desabrochavam e a grama era abundante. Um riacho, cercado por árvores, passava pela propriedade, então, mesmo no verão, a vegetação interrompia a monotonia do pó seco. O'Brien, sua vizinha mais próxima, estava lhe fornecendo carne em troca de deixar seu gado pastar no rancho. Queria seu próprio gado, queria usar a marca Lazy T novamente.

Enchendo outra xícara de café, recostou na cadeira. Onde dormiria essa noite? Na cama de sua infância, aí. Cal não conseguiria subir a escada para o loft, e um homem gravemente ferido não podia dormir no chão.

Ao entardecer, ele se mexeu. Colocando de lado sua costura, ela andou na ponta dos pés até a cama de casal e o olhou. Seus lábios sensuais estavam levemente apertados, mas quando ele puxou sua saia, ela percebeu que estava acordado.

— Como se sente? — verificou seu curativo, nenhum sangue vazou.

— Estou fraco como um gatinho. — esforçou-se para sentar e ela colocou alguns travesseiros atrás dele — Já é noite?

— Fim de tarde.

— Não posso ver, estou cego. — desesperadamente ele pegou o curativo cobrindo seus olhos.

Ela afastou suas mãos, mas as segurou — Não está cego, seus olhos estão

tão feridos e inchados que não abrem, isso é tudo.

— Obrigado por salvar minha vida.

Ela acariciou a bochecha dele com as pontas de seus dedos — Qualquer um com um pingão de humanidade teria feito o mesmo.

Ele balançou sua cabeça — A maioria das pessoas teria me deixado lá para morrer, como um cão sarnento.

— Quem lhe acertou?

— A gangue Tolson me emboscou. Filhos da puta, eles são um bando de cafajestes baixos e traiçoeiros. Estão me rastreando a semanas porque seu irmão me atacou, e atirei nele.

— Oh, não!

— Não tenha medo, estão todos mortos. — pegou a mão dela — Eu jamais deixaria alguém machucá-la, doce Laura.



Cal sentiu, mais do que ouviu, Laura se afastar dele. Ela cheirava como um anjo, seu toque macio como cardo, e, de alguma forma, ele sabia que parecia um anjo. Sem mencionar sua compaixão. Quantas mulheres solitárias teria parado para ajudar gente como ele? Sentia vontade de arrancar os curativos de seus olhos para que pudesse olhar para seu rosto, teria, se não estivessem inchados. Ela tinha cabelo ruivo, viu, mesmo através de uma névoa de sangue e dor.

Trinta anos sobre essa Terra e ele tinha pouco para mostrar disso. Vivia pela arma e, provavelmente, morreria pela arma. Eventualmente terminaria em boot hill, baleado por um jovem atirador promissor, que quisesse fazer seu nome. Deve estar morrendo ou enlouquecendo para pensar assim.

Estremecendo, cuidadosamente moveu uma mão para baixo, sobre seu corpo. Estava nu, exceto por suas ceroulas.

Aos vinte anos, ele achava que, se encontrasse a garota certa, poderia se casar e sossegar. Isso não aconteceu, entretanto, não, até a alguns meses atrás, no saloon Âncora Dourada. Se ao menos ele não estivesse tão bêbado quando tropeçou no quarto semiescuro, teria visto a mulher mais claramente. Como aconteceu, tudo que ele pôde lembrar foi seu lindo cabelo ruivo, pele macia perfumada, e seu nome, Flame. Depois que ficou sóbrio, na manhã seguinte, percebeu que a beleza e maciez dela foi tudo uma ilusão. Era uma prostituta e uma ladra. Aquele cabelo ruivo era, provavelmente, tão falso quanto ela.

Minha nossa...sentia-se exausto. Não queria pensar em Flame, não queria pensar em nada exceto...

— Cal.

A voz doce penetrou a cortina grossa cobrindo seu cérebro.

Vou ajudá-lo a sentar, para que possa tomar um gole de água. Estou lhe fazendo um ensopado, mas não está pronto ainda.

Gemeu quando ela ergueu seus ombros e ele usou seus pés para levantar-se na cama, para que pudesse cair sobre o travesseiro.

Sentando-se na cama, ela segurou um copo em seus lábios — Beba

devagar. — instruiu.

Obedeceu, embora quisesse engolir isso abaixo, em sua garganta sedenta.

— Ensopado? — gaguejou — No meio da noite?

Ela riu, um suave som tilintante, que fazia coisas engraçadas em seu interior — É manhã.

— Como pode ser? Só me encontrou a algumas horas atrás. — por que seu cérebro não funcionava direito?

— Esteve desacordado por quase dezesseis horas.

— Dezesseis horas? — estava começando a parecer um papagaio. Pelo menos sua voz não soava tão áspera e gutural quanto antes.

— Descanse agora, isso lhe ajudará a recuperar suas forças. Trocarei seus curativos daqui a pouco, isso lhe deixará mais confortável. Lamento não ter nada para te dar para a dor.

— Obrigado. — podia simplesmente matar por um copo de uísque, uma garrafa inteira seria ainda melhor — Por que está me ajudando? Aprecio isso.

— Era a coisa certa a fazer, alguém, uma vez, tentou me fazer uma gentileza e eu...

— O que? — estremeceu.

— Hum, não agi corretamente. Acho que essa é minha maneira de pedir perdão, mesmo se ele nunca souber o quanto lamento pelo que aconteceu.

— Nunca faria nada errado, Laura, é um anjo. — pegou sua mão.

— Com uma auréola enferrujada. — deu uma pequena risada fraca.

Levantando-se da cama, ela recuou, segurando o agora copo vazio em sua mão.

— Depois que tomar seu ensopado e eu tiver trocado seus curativos, passarei pomada sobre seus lábios, estão muito secos.

— Poderia curá-los beijando-os, doce Laura.

Ela podia quase acreditar que ele estava flertando. Repentinhas chamadas de excitação percorreram seu corpo, e foram extintas, quase tão rápido quanto surgiram. Odiava os homens e o que faziam às mulheres.

O ensopado, feito de tiras de carne-seca, com algumas ervas acrescentadas, estava pronto, o derramou em uma tigela e levou para ele. Estava quieto, muito quieto, e ela pairou na porta, perguntando-se se estava acordado ou não. Não tinha como saber com seus olhos enfaixados.

— Não estou dormindo. — ele disse. Sua voz pareceu mais forte e menos rouca que antes.

— Oh, eu não tinha certeza.

— Pode me ajudar a sair da cama?

— Certamente não.

— Preciso fazer minhas necessidades.

— Oh, hum. Tenho um penico.

— Para o inferno com isso. — gemendo, colocou-se em uma posição sentada e moveu suas pernas para o lado da cama — Estou tão fraco quanto um gatinho.

— Não tenho certeza se é uma boa ideia, Cal.
— Bem, não ficarei aqui e mijarei em mim mesmo.
— A casinha fica bem no fundo do quintal, talvez, se eu o ajudar a sair na varanda dos fundos, possa regar os arbustos.

— Parece uma boa ideia, contanto que não olhe. — sua risada foi seguida por um estremecimento imediato — Se puder se curvar, colocarei minhas mãos em seus ombros e me levantarei.

Ela fez como pedido. Com muito gemido e alguns palavrões resmungados, ele se levantou, balançando levemente.

Ela se ergueu — Aqui, colocarei seu braço em volta de meu pescoço e espero aguentar um pouco de seu peso. Não se preocupe quanto a tropeçar sobre nada, não existem obstruções em nosso caminho.

— Obrigado.

Ele era muito mais alto que ela, seu hálito quente acariciando o alto de sua cabeça, mexeu alguns cachos soltos, enquanto lentamente saíam. O ar fresco lhe faria bem.

Havia uma velha cadeira de vime fora do celeiro, em que seu pai costumava se sentar, perto do fogo, com suas pernas esticadas para as chamas, durante as noites frias de inverno, quando relaxavam depois do jantar.

Ela colocou as mãos de Cal em volta da coluna da varanda, para que pudesse levá-lo, em alguns passos, para um grupo de arbustos — Virarei até que termine, apenas grite.

— É agradável aqui no ar fresco. Odeio ficar lá dentro por tanto tempo.

— Talvez, amanhã, possa se sentar do lado de fora, um pouco.

Virou-se de costas, não querendo invadir sua privacidade. Devia ser embaraçoso o suficiente para ele como isso estava. Odiaria estar na mesma situação.

— Terminei.

Ela saiu da varanda e caminhou até ele e tomou a mesma posição que tomara para trazê-lo aqui. Assim que ele estava na cama, afogou os travesseiros atrás dele.

— Agora o ensopado.

Ele tomou cerca de metade da tigela, antes de virar sua cabeça — Basta. Eu gostaria de um belo bife espetado, suculento.

— De jeito nenhum, seria demais, depois de ter sido tão gravemente ferido. Temos que introduzir comida lentamente, senão passará mal.

— Meu cavalo está bem? Eu devia ter perguntado por ele antes. Andamos por um longo caminho.

— Sim, estou cuidando bem dele. — gostou da maneira que ele se preocupava com seu cavalo. Lavou seu peito com água salgada morna, e ficou satisfeita por ele parecer limpo da infecção. Depois de trocar o curativo, levantou-se e fechou as cortinas, antes de tirar os curativos de seus olhos. No caso dele poder ver, ela não queria que o quarto ficasse muito claro.

A testa dele tinha um longo corte, cercado por pancadas. O inchaço de suas

pálpebras diminuiu um pouco, embora ainda estivessem muito machucadas —
Consegue enxergar?

— Um pouco, não consigo mover as pálpebras.

— Bem, provavelmente, não verá muito bem, até o inchaço diminuir um pouco mais. Vou voltar a enfaixar. Alguém, com certeza, não o apreciava muito para fazer isso. — ódio puro deve ter sido a força motivadora em chutar e socar um homem tão brutalmente.

— Filhos da puta traiçoeiros. — ele disse — Eram um bando de foras da lei, que estou grato de ter mandado para Boot Hill. Espero que estejam queimando no Inferno, enquanto falamos.

Ela se perguntou como ele conseguiu atirar neles, depois de ser baleado e espancado tão violentamente. Devia ter a resistência de um touro.

— Durma agora. — ela disse, acariciando sua bochecha — Tenho alguns trabalhos precisando serem feitos.

— Obrigado, estou mais fraco do que pensei. — com um suspiro, caiu sobre os travesseiros.

CAPÍTULO SEIS



No terceiro dia, Laura tirou os curativos dos olhos de Cal. Eles ainda estavam inchados, os hematomas pretos agora ficando roxos — O que pode ver?

Ela deixou as cortinas fechadas para que luz repentina não fosse machucar seus olhos.

— Um anjo ruivo usando um vestido azul.

Ela riu — Não sou um anjo.

— Sim, é, querida.

Uma memória mexeu profundamente em sua mente subconsciente. Eles já se encontraram antes? Claro que não se encontraram, ela estava ficando fantasiosa.

— Pensei que poderia gostar de se sentar lá fora, depois. — balbuciou para superar sua confusão — Assim que seus olhos se acostumarem à luz, trarei a velha cadeira de papai do depósito do celeiro.

— Eu gostaria disso, não gosto de ficar preso do lado de dentro. Não ligaria de me barbear. — passou sua mão sobre os pelos pretos de sua bochecha e queixo — Sempre carrego um kit de barbeação em um dos alforjes, junto com uma camisa e ceroulas reserva. Não gosto de me sentir tão sujo.

— Deixei todos os seus pertences no celeiro. Colocarei alguns potes de água no fogareiro, para que possa tomar banho, depois irei pegar seus alforjes.

— Esfregará minhas costas, anjo? — sorriu.

— Certamente não. — respondeu, mais asperamente do que pretendia. Como ele seria, nu? Calor queimou suas bochechas, por um pensamento tão sem-vergonha. *Não adianta ficar toda piedosa agora, Laura Prentice. Não é como se nunca tivesse visto um homem pelado, antes.*

Depois de colocar duas grandes panelas de água no fogareiro, foi ao celeiro para pegar os alforjes de Cal. A tentação de vasculhá-las completamente e ver o que tinham era quase irresistível. Não podia invadir sua privacidade, não era justo. Antes que cedesse, enganchou-as sobre um braço e refez seus passos até a cabana.

Estava cuidando do rancho razoavelmente bem, mesmo se houvessem algumas coisas que não podia fazer. Seu pai fez muito mais pelo lugar que ela jamais lhe deu crédito. Cal ficaria se pedisse? Não podia ficar com ela na cabana, assim que estivesse bem, muito perigoso. Não era nele que não

confiava. Ele a fazia sentir coisas que não queria sentir. Querer coisas que não podia, um marido amoroso e bebês. Mentalmente dando-se uma sacudida, por um pensamento tão tolo e desejoso, subiu na varanda e entrou na cabana.

No quarto, Cal recostava nos travesseiros, olhos fechados, suas mãos entrelaçadas, apoiadas no lençol. Ela hesitou.

— Não estou dormindo.

— Oh. Bem, aqui estão seus alforjes. — colocou-os na cama, para que ele pudesse facilmente alcançá-los — Colocarei a banheira na varanda, está bom no sol.

Ele a olhou através de profundos olhos azuis — Precisa de um banheiro separado.

— Eu gostaria de um. Papai sempre fechava a ponta da varanda e preparava um quarto para tomar banho e lavar a roupa. Ele comprou a madeira, só que nunca conseguiu fazer isso. Vou deixá-lo resolver suas coisas. — correu para a varanda dos fundos e pegou a banheira de latão, pendurada em um grande gancho na parede.

Depois de arrastar a banheira da varanda, tirou uma toalha vermelha da cômoda e encontrou um pedaço de sabão, que deixou em uma cadeira, perto da banheira. Fazia seu próprio sabão, para economizar dinheiro. Continham óleo de lavanda, embora o perfume não fosse tão forte, que um homem não pudesse usá-lo.

Assim que a água borbulhou, levou para a banheira e derramou. Do poço, tirou dois baldes de água. O vapor subiu quando a água gelada atingiu a quente.

Cal estava sentado na beira da cama quando ela voltou. Olhou-o. Mesmo com um rosto machucado, era um homem forte e bonito, em seu auge. Ondulações de excitação e ela não sabia mais o que, agitavam seu estômago.

Ele olhou para cima. Ele a viu olhando-o?

— Seu banho está pronto.

Ele sorriu — Lavará minhas costas?

— Certamente não, consegue fazer isso sozinho. — seu alforje aberto, uma camisa e ceroulas estavam perto dele — Precisa de ajuda?

— Não tenho certeza. — grunhiu com o esforço, enquanto se levantava — Me sinto tão fraco e esgotado.

— O que esperava? Chegou muito perto de morrer. Aqui, apoie-se em mim.

Ele sorriu — Que homem vivo e respirando conseguiria resistir a tal oferta? Ajudou-o a alcançar a varanda dos fundos e ficou hesitante.

— Ficarei bem, a menos que mude de ideia e queira lavar minhas costas.

Ela riu — Caleb Donnelly, é um homem levado. Tenho algumas coisas para fazer, lá dentro. Grite se precisar de minha ajuda. Apenas tome cuidado para não molhar seu curativo.

Laura decidiu que essa seria uma boa oportunidade para mudar os lençóis dele. Podia colocar o cobre amanhã e colocar em dia suas lavagens de roupas.

Os alforjes dele estavam na cama. Pegou-os e colocou na cômoda.

Gosta disso, admita. Tudo bem, gosto. Ficaria solitário aqui, assim que ele partisse, e partiria. Um pequeno rancho não manteria um vagabundo e um pistoleiro interessado por muito tempo, a menos que... Não podia fazer isso, arriscar sua boa opinião, oferecendo-lhe seu corpo. O pensamento de tal contato físico com ele não era repulsivo, muito pelo contrário. Se ele dissesse que a amava, e quisesse um relacionamento permanente, ela estaria disposta a fazer isso.

Estava ficando muito apaixonada por ele. Quando partisse, ficaria devastada, mas isso seria melhor do que ele descobrir que ela já não era virgem. Alex havia tomado isso, assim como a respeitabilidade dela.

Pegando as cobertas, arrancou-as, assim como os lençóis. Assim que a cama estava refeita, arrumou o quarto, abriu as cortinas e abriu a janela, para deixar entrar o ar quente e fresco, depois voltou para a cozinha. O início do verão era sua época favorita do ano. O tempo não era excessivamente quente, permitindo que flores selvagens ainda desabrochassem perto do riacho.

— Estou completamente limpo. — estava na porta, apoiando-se contra a parede. Vestido apenas em suas ceroulas, recém-barbeado e com um sorriso em seu rosto lindo. Seu longuíssimo cabelo estava muito ondulado, agora que estava molhado.

Ela rapidamente controlou seu coração agitado.

— É agradável aqui fora.

— Sim, é. Vou pegar a velha cadeira de papai no celeiro, e pode sentar-se aqui, um pouco. O ar fresco lhe fará bem.

— Não se importa de ver um homem usando apenas suas ceroulas? — provocou.

— Posso tolerar isso, nesse momento. Não adianta lutar para colocá-lo em suas calças, apenas para ter que tirá-la, daqui a pouco.

— Se está dizendo, mas é um anjo muito mandão.

— Tenho que ser, não posso deixá-lo exagerar e ter uma recaída.

— Eu poderia ficar aqui, mais tempo.

Balançou sua cabeça em irritação — Disse-lhe, Cal, é bem-vindo para ficar aqui quanto tempo quiser. — o pensamento dele partindo a enchia de medo. Como o deixou escapar sob sua guarda?

— Estou bem o suficiente agora, para dormir em meu saco de dormir no celeiro.

— Não está. Não me importo de dormir no sótão, foi meu quarto, na infância, embora esteja guardando cebolas, abóboras e batatas lá em cima.

— Laura, estou profundamente machucado.

— O que?! — correu até ele.

— Não esse tipo de machucado, querida. Machucado, porque prefere dormir com vegetais a dormir comigo.

Soltou um suspiro chocado — Oh! Vou...vou buscar a cadeira. — correu, com a risada dele ecoando em seus ouvidos.

O homem era um leitor de mente? Chegou tão perto de dizer o que ela estava pensando, que seus braços se arrepiaram.

Encontrou a cadeira e limpou a sujeira e teias de aranha com um trapo. Era leve, felizmente, então, podia facilmente carregá-la. De volta à cabana, Cal estava sentado na varanda, obviamente não estava bem, como pensou que estivesse.

— Aqui está. — chamou animadamente, esperando esconder sua agitação.

— Não estou tão forte quanto pensei. — deu um sorriso tenso.

— Viu?! Eu te avisei. Sente-se aqui e vou preparar café para nós, a menos que prefira chá?

— Não chá. — torceu seu nariz — Só bebo uísque, água e café. Nessa ordem.

Cal viu Laura caminhar para dentro, com um leve balanço de seus quadris. Uma linda garota como aquela não iria querer um homem como ele em sua vida. Um rancheiro rico seria mais adequado. Do que ela estava fugindo? Presa aqui, em um ranchinho isolado, não era normal. Alguma terrível tragédia a atingiu, não duvidou disso nem por um momento. Às vezes, os olhos dela estavam cheios de tristeza, outras vezes, medo. Queria ajudar, se ao menos lhe permitisse. Independentemente do segredo que carregava, a estava devorando viva. Um vagabundo ele podia ser, mas não era tão esvaziado de noção, que não pudesse perceber. Tão certo como Deus fez pequenas maçãs verdes, Laura Prentice carregava um fardo terrível em seus pequenos ombros.

— Aqui está. — colocou a cadeira na varanda e ajudou-o a se sentar — Tomaremos o café, depois precisa descansar.

Gostava da maneira que ela o repreendia, com um sorriso em seu rosto bonito. Sua pele era cremosa, com algumas sardas espalhadas sobre seu nariz. Seus olhos eram verde esmeralda, a maior parte do tempo, embora, às vezes, escurecessem para um profundo verde musgo, quando estava preocupada. Sua coroa de glória era seu ardente cabelo ruivo. Nunca viu uma cor tão viva antes, exceto em uma pomba suja chamada Flame, em um quarto pouco iluminado, quando estava bêbado.

Fechou seus olhos, tentando trazê-la à mente, agora, a única mulher flutuando diante dele era Laura. Se fosse o tipo que se casa, ela teria sido rapidamente desposada e amada. Não era o tipo que se casa, um homem sem propriedade como ele nem deveria pensar nisso, especialmente com uma garota como Laura. Merecia apenas o melhor, que, certamente, não era ele.

O que não daria para provar esses lábios macios e doces, afagar e acariciar seu corpo, antes de fazer amor enlouquecido e apaixonado com ela? Filho da puta, era louco?

Ficou aliviado quando ela voltou com o café e um prato contendo fatias de bolo.



Cal esteve com Laura por uma semana e agora estava bem, embora sua força completa não tenha ainda voltado. Ela sabia que ele se preocupava e se

irritava por estar tão fraco e inútil. Prometeu ficar por algumas semanas, assim que se recuperasse completamente, para ajudá-la a reunir um pouco do gado selvagem, que estava rondando as regiões mais baixas de Black Hills. Essa seria uma maneira barata para ela criar um pequeno rebanho.

Também prometeu consertar o telhado do celeiro e fechar a varanda, para fazer um banheiro e lavanderia. Depois, com sua dívida paga, partiria e ela nunca mais o veria novamente. Seu coração sangrava toda vez que pensava em uma vida sem ele.

— Vamos fazer um piquenique. — disse, nessa manhã em particular, depois da maioria dos trabalhos estarem terminados.

— Se quiser. Não consigo me lembrar de já ter ido em um piquenique. — disse.

— E quando era criança?

— Não. — disparou a palavra, suas feições endureceram, seus olhos ficaram sombrios.

— Lamento.

Ela empacotou uma garrafa de água, biscoitos e pedaços de frango frio e ovos cozidos, que sobraram do jantar da noite passada. Para sobremesa, torta de maçã fria.

— Tudo bem, estou pronta.

Endireitou-se de onde estava descansando, com um quadril contra a mesa da cozinha — Carregarei a cesta. — disse — Lamento por ter explodido. Não gosto de falar sobre minha infância, foi horrível.

— Eu não deveria ter bisbilhotado.

— Não poderia saber, a maioria das pessoas têm segredos. — as palavras pairaram entre eles, como um pêndulo quebrado em um relógio abandonado — Qual é o seu, doce Laura?

— Eu não...

Cortou-a com um aceno de mão... — Sim, tem. Segredos profundos e sombrios, se não estou enganado.

O coração dela transformou-se em pedra — Sim, tenho segredos. — saiu da varanda e ele a seguiu.

— Conte-me, posso conseguir ajudar.

— Ninguém pode me ajudar. — a voz dela vacilou — Então, vamos esquecer isso. Gosta de flores silvestres?

— Nunca pensei sobre elas. — deu de ombros — Homens não ligam para flores. Vi algumas espalhadas na padaria, enquanto cavalgava, são coloridas e bonitas.

Laura ouviu o riacho murmurando, enquanto ele corria sobre pedras brancas brilhantes, que, infelizmente, o pai dissera serem de quartzo, e não de ouro. Os choupos suspiravam na leve brisa e as flores silvestres, vermelhas, brancas e amarelas, balançavam suas cabeças, como se em concordância desse ser um lugar encantador.

— Essa é minha parte favorita do rancho. — ela disse, estendendo uma

toalha de lona para se sentarem e abrindo a cesta de piquenique — É tão tranquilo é bonito. — preparou a comida — Sempre tenho fome, aqui fora.

— Hum, bom. — deu uma mordida em uma coxa de frango enquanto se sentava, com suas costas apoiadas em uma árvore.

— Eu trouxe linhas de pesca, então podemos pescar nosso jantar.

— Parece bom. — ele disse.

Depois de acabarem com a comida, sentaram-se sem falar por um tempo. Laura olhou Cal fazendo uma guirlanda de margaridas. Quando a terminou ele gentilmente, quase reverentemente, a colocou sobre sua cabeça — Isso é para substituir sua auréola enferrujada, anjo. — sua voz foi uma suave carícia e ela piscou para deter lágrimas repentinas.

— Ei, não chore, não pretendi angustiá-la. — estendeu a mão para tirá-la.

— Não. Não, deixei-a, gosto dela. Obrigada por fazer um gesto tão gentil.

Sua boca estava a poucos centímetros da dela. Beijou-a carinhosamente e, quando ela não recuou, envolveu seus braços em volta dela e a puxou, em uma posição ajoelhada, e aprofundou o beijo.

Rojões explodiram dentro da sua cabeça, enquanto ele sugava seu lábio inferior, antes de colocá-lo em sua boca. A língua dele, empurrando e correndo com a dela, assumiu uma dança alucinada e cheia de paixão.

Ela retribuiu suas carícias intensamente, não ligando para nada, exceto Cal. Essa era, provavelmente, sua única chance de provar sua paixão e não a perderia.

De repente, ele a soltou e ficou de pé — Lamento, perdi minha cabeça. — passou seus dedos trêmulos por seu cabelo.

Ela se sentiu tão murcha quanto uma bola com um furo.

— Eu me aproveitei. — uma pulsação convulsionava em sua mandíbula — Eu deveria ser chicoteado, depois de tudo o que fez por mim.

— Não se desculpe, não queria que parasse.

Os olhos dele arregalaram, a pulsação convulsionou ainda mais desesperadamente — Isso seria errado, levando em conta que não posso oferecer nada permanente.

— Mas...

— Merece mais do que posso te dar, um marido com um trabalho estável, uma família, uma vida cristã decente. Eu carrego bagagem demais para uma linda garota suportar. Vivo pela arma, Laura, e morrerei pela arma, não há nada mais certo.

— Eu...eu. — quase confessou o que fez, mas engoliu as palavras. Ele odiaria se soubesse o que ela era, e não poderia suportar isso — Pescaria? — injetou um tom de brincadeira em sua voz, o tempo todo se perguntando como pôde.

— Boa ideia. Nunca pesquei, me mostre o que fazer. Deixe-me tirar essas flores ridículas de sua cabeça. — jogou a auréola florida no chão.

— Não faça isso, gosto dela. Colocou-a no chão, perto da cesta de piquenique, jurando guardá-la quando ele não estivesse olhando. Ela a

colocaria na Bíblia da família do pai e a guardaria, como uma lembrança de um homem que, agora, percebeu que amava. Um homem que brevemente passou por sua vida e deixou uma marca inesquecível. Se ao menos... Ela enlouqueceria se não parasse de pensar sobre os *se ao menos*.



Depois do piquenique, Cal mudou para o celeiro. Seus protestos foram ignorados. Ainda comia todas as suas refeições com ela e ajudava com os trabalhos, mas ela sentia falta de sua companhia.

Ele insistiu em fechar a ponta da varanda, com sua ajuda. Trabalhou devagar, metodicamente martelando e batendo, descansando de vez em quando. Sentia sua contínua frustração porque sua força não ter voltado completamente. Fisicamente, seus ferimentos estavam sarando, mas sua experiência de quase morte havia, obviamente, causado estragos em seus nervos.

CAPÍTULO SETE



Seis semanas depois de encontrar Cal, estavam compartilhando um café na varanda dos fundos, depois do jantar, quando Laura disse: — Acho que irei à cidade por suprimentos, amanhã, estou ficando sem algumas coisas. Não antecipei ter uma boca extra para alimentar, quando fiz meu pedido, da última vez. Odeio ir lá.

— Faça uma lista e irei. — ele disse — Posso precisar de algumas coisas para mim mesmo.

— Bem...

— Podemos ir juntos, eu a protegerei de seja o que, ou quem, tenha medo.

— Não tenho medo de ninguém na cidade.

— Não? Tem medo de algo. Conte-me, Laura, posso conseguir ajudar.

— Não pode, Cal. Ninguém pode. É muito tarde. — lágrimas encheram seus olhos.

— Nós dois iremos à cidade, e te pagarei o almoço na taberna. — estendeu a mão e tirou uma lágrima solitária de sua bochecha, com seu indicador — Tenho certeza de que as coisas não são tão ruins quanto imagina. Que horas quer ir?

— Por volta das nove horas. Leva algumas horas para chegar lá. Podíamos fazer nossas compras, almoçar e estar de volta antes do escurecer, para terminar os trabalhos.

— Tudo bem, se tem certeza de que não quer ajuda para lavar a louça do jantar, talvez eu vá.

— Obrigada pela oferta, posso lavá-las. Boa noite, Cal, bons sonhos.

— Boa noite. — saiu da varanda e foi para o celeiro.

Era muito confortável no sótão, Cal pensou. Muito melhor que muitos lugares que ele dormiu durante os anos. Laura insistiu em lhe dar cobertores e um travesseiro. Recusou sua oferta de lençóis.

Teria que partir logo, não queria fazer isso, mas não era feito de pedra. Os sentimentos que Laura despertava nele eram perigosos, tão grandes, que uma noite não conseguiria controlar seus desejos masculinos e faria algo no calor do momento, de que ambos se arrependeriam. Por que, diabos, estava se repreendendo assim? Não era como se Laura tivesse resistido a nenhum dos avanços que ele fez antes, por mais brandos que fossem?

Por que a convidou para ir à cidade com ele? Podia ter discretamente feito

uma visita ao bordel local e aliviado seu tormento. Não conseguia entender por que o pensamento lhe dava nojo. Não era como se não tivesse se satisfeito com pombas sujas no passado. Um homem solteiro precisava de alívio às vezes, e ele nunca foi bruto ou desrespeitoso com as mulheres.

Queria Laura, pura e simplesmente. Pelo seu próprio bem e dela, tinha que partir, dar-lhe a chance de se casar com um homem decente, correto e com perspectivas. O que um pistoleiro deprimido poderia lhe dar, exceto sofrimento?

Condenava o destino por deixá-los se conhecerem. Por que não morreu lá, como merecia? Por que tinha que ser a doce e linda Laura a encontrá-lo e trazê-lo de volta à vida?



Depois de um café da manhã antecipado, fizeram alguns trabalhos — Vou atrelar o cavalo. — ele disse.

Laura voltou para a cabana para se arrumar e pegar seu gorro e bolsa. Quando ela saiu na varanda, sua respiração prendeu em sua garganta. Cal descansava em uma coluna. Segurava seu chapéu Stetson preto em uma mão, e usava coldres duplos pendurados em seus quadris.

— Precisa dessas armas?

— Sim, nunca vou a lugar nenhum sem elas. Está bonita.

— Obrigada. — havia propositalmente colocado seu melhor vestido, um algodão verde com raminhos, com renda nas mangas e gola alta. Era vaidade pura e simples, mas queria ficar bem para Cal. Por dentro, amou seu elogio, por fora sorriu. — Está muito bonito.

Ele sorriu — Sim, bem.

Ajudou-a a subir no banco passageiro da carroça, deixando-a saber que pretendia conduzir. Era bom ter um homem para assumir o controle, para variar.

Enquanto viajavam, o sol descia de um limpo céu azul, os pássaros cantavam e a felicidade a invadia. Iria gostar de um passeio com Cal. Essa seria, provavelmente, a primeira e única chance. Estava ficando inquieto, ansioso para partir e seguir com sua vida.

Ela usava um gorro de palha, com flores verdes e amarelas espalhadas em volta da longa aba.

Enquanto eles passavam pela rua principal, Cal disse: — Que tal fazermos suas compras primeiro, depois almoçar, dessa maneira, se quisermos ir devagar e calmamente durante nossa refeição, podemos.

— Sim, eu gostaria disso.

— Pega tudo no armazém geral?

— Sim, compro alguns sacos de aveia para os cavalos, do George, na estrebaria, no caminho para casa.

A rua estava movimentada como sempre, com mulheres andando com cestas penduradas em seus braços, alguns carrinhos de bebê e carroças. Vários cavalos estavam amarrados no trilho de engate fora do saloon. Cal estava

olhando para eles e ela se perguntou se ele estava desejando que estivesse lá, também.

Pararam fora do armazém geral, Cal pulou do assento e a levantou, e, com uma mão na sua cintura, entraram. O homem atrás do balcão deu-lhe um olhar duro e intenso, enquanto atendia duas irmãs solteironas, de meia-idade.

Cal se afastou dela para perambular em volta, inspecionando a mercadoria. Uma mulher e seu marido abriram a porta empurrando, quase entraram, depois deram meia-volta.

O lojista terminou de atender às mulheres e disse para ela: — Dê-me o seu pedido. — seu olhar a percorreu, tão intenso e insolente, que ela sentiu uma onda de calor em suas bochechas.

O que havia de errado com o homem? Anotou o que precisava e, quando lhe entregou a lista, os dedos dele propositalmente esfregaram os dela. Ela quis arrancar sua mão e esbofetear o sorriso malicioso do rosto dele. Não conseguia entender o que estava acontecendo.

Cal aproximou-se, o lojista deu uma olhada nele e saiu correndo.

— O que foi querida, está angustiada?

— Hum, nada.

Os olhos dele apertaram levemente — Ajudá-la-ei a carregar, depois preciso ir ao banco.

— Eu ajudo a dama ruiva. — o lojista disse, dando-lhe um olhar malicioso.

— Sempre estou feliz em ajudar garotas ruivas.

Laura não pôde acreditar na maneira que ele estava se comportando, mal havia falado com ela antes.

Cal ficou desconfiado.

— Eu tenho ajuda obrigada. — colocou seu braço no de Cal e, felizmente, ele não tirou.

— Como a dama diz, estou aqui para ajudar. —a voz dele estava fria. Achava que ela estava, propositalmente, paquerando o dono da loja? Que havia colocado seu melhor vestido de propósito? Bem, havia, apenas por causa de Cal.

Carregaram a carroça com sacos de farinha, açúcar e sal e uma variedade de outros pacotes. Comprou a quantidade dobrada, para que não tivesse que voltar para a cidade por um tempo.

— Vou ao banco, espere aqui. — saiu.

Estava tentada a correr atrás dele. Não gostou da maneira que alguns jovens caubóis que estavam passando, pararam e a olharam. O que estava acontecendo com todo mundo?

— Ora, ora, se não é a Flame?

O corpo inteiro de Laura congelou. Seu pior pesadelo se tornou realidade. Alex a encontrou.

— Achou que poderia escapar de mim? — ele rosnou — Nenhuma prostituta deixa o Âncora Dourada, a menos que eu permita. Voltará comigo. — pegou seu braço.

— Não voltarei. Chamarei o xerife.

— O que ele pode fazer? É tudo legal. — tirou uma folha de papel do bolso de seu casaco — Pertence a mim, até sua dívida estar paga.

Vários espectadores interessados se reuniam, agora. Ela olhou em volta; era óbvio que não haveria nenhuma ajuda, eles estavam aqui apenas para ver o show. Nada mais.

— Não te devo nada. Mentiu para mim. — tentou soltar-se do aperto dele.

— Deixe-a ir ou o matarei onde está. — a voz de Cal soou, fria e mortal.

Alex a soltou e deu um passo para trás — Isso não é da sua conta, caubói.

— Estou tornando isso da minha conta. Deixe a dama em paz.

— Dama? — Alex riu alto — Está muito enganado, caubói. Ela é uma prostituta.

Cal se balançou sobre os calcanhares.

— Conte a ele, Flame.

— Flame! — Cal não conseguiu acreditar no que estava ouvindo. Laura era a pomba suja que o roubou e assombrava seus sonhos à noite. Todas as estranhas peças do quebra-cabeça estavam se encaixando, e a imagem era feia. Que idiota ele foi, colocando-a em um pedestal, pensando que era um anjo.

— Não é o que pensa. Por favor, Cal. — lágrimas escorriam por suas bochechas — Ele mentiu para mim, me drogou, me impediu de partir e me forçou a trabalhar lá.

Cal olhou em seus olhos atormentados e acreditou nela. Remorso trouxe calor ao seu rosto, fez com que quisesse abaixar a cabeça de vergonha, Laura era exatamente o que parecia, uma garota linda e carinhosa, que foi injustiçada. Quem era ele para condená-la, afinal, com a vida que levava?

— Tenho um papel que prova que ela é minha. — Alex disse.

Xerife Davies se aproximou — O que está acontecendo aqui?

— A prostituta pertence a mim.

— Cuidado com o que fala. — o xerife disse — Agora, Srta. Laura...

— Tenho um papel para provar isso. — Alex balançou um pergaminho de papel dobrado no ar.

— Vão cuidar de suas vidas. — o xerife ordenou para a agora crescente multidão — Para meu escritório, agora!

Cal colocou um braço em volta da cintura de Laura, porque tremia tanto que mal conseguia ficar de pé — Resolveremos isso, querida, prometo.

Foram para o escritório do xerife.

— Quase me afoguei, perdi minha memória e Alex se aproveitou de mim, prometeu casar comigo. Quando ele cansou de mim, me drogou, para que atendesse seus clientes. — a história derramou. A expressão de Cal ficava mais negra a cada minuto. Sua mão foi para sua arma.

— Não. — o xerife o impediu.

— Ela me deve, eu lhe paguei mil dólares adiantado, e ela concordou em pagar. — Alex disse.

— Não concordei, ele está mentindo.

— Oh? — Alex empurrou o papel para o xerife — Leia isso, caso saiba como. — disse, arrogantemente — Isso foi devidamente testemunhado.

— Sei como. — o xerife folheou o documento — Isso foi testemunhado por um juiz e um delegado federal. — disse — Parece legal para mim.

— Não assinei nenhum papel. Bem... — mordeu seus lábios trêmulos — Não que me lembre. Não é minha assinatura. — tentou arrancar o papel da mão do xerife.

— Laura Prentice, está claro como dia. — o xerife disse.

— Perdi minha memória, é por isso que Alex me chamou de Flame, então, como eu poderia assinar meu verdadeiro nome, se não o sabia?

— Sim, responda isso. — Cal rosnou.

— Ela é uma prostituta mentirosa.

Cal sacou sua arma e enfiou na barriga de Alex — Seu mentiroso, filho da puta. Se Laura disse que não assinou o papel, isso é o fim.

— Xerife, conheço meus direitos. Ela me paga o dinheiro ou trabalha para pagá-lo.

— Ela é menor de idade, — Cal berrou — então não seria legal, mesmo se tivesse assinado.

— Verdade. — o xerife concordou.

— O guardião dela assinou também, vê? — Alex enfiou um dedo no documento. Alex Trembath, guardião de Laura Prentice.

— Como pode ser meu guardião, não o conhecia até quase me afogar.

Alex deu um sorriso maligno. Como ela poderia ter pensado que ele era bonito e cavalheiro?

— Sua mãe me pediu para ser seu guardião, antes de voltar para à Inglaterra.

— Mentiroso. — Laura disparou de volta.

— Leia todo o documento, xerife. Um juiz e um delegado federal não mentiriam.

Laura olhou em seus olhos e tremeu. Ele tinha a aparência de um louco.

— Os filhos da puta mentiriam se fossem frequentadores do Âncora Dourada. — Cal rosnou — Simplesmente o tipo de estabelecimento que frequentariam. O que lhes ofereceu? Sexo gratuito por toda vida?

— Isso parece legal para mim. — o xerife ergueu a sobrancelha — Sua mãe arranhou-lhe um guardião? — estava obviamente tentando encontrar uma saída para ela — Antes de ela partir?

— Acho que não. Não posso voltar àquele lugar. — Laura tremia da cabeça aos pés — Me matarei primeiro.

— Serei o guardião dela. — determinação férrea afiou a voz de Cal — Como seu marido.

— Marido! — o xerife parecia ter tirado, de repente, uma tonelada de peso de seus ombros, e Laura não pôde acreditar em seus ouvidos.

— Isso lança uma luz completamente diferente na questão, Trembath.

— Ela não é casada. — Alex rosou — Ninguém iria querer uma prostituta imunda como ela como esposa.

Cal sacou sua arma — Estamos indo ver o pastor agora mesmo. Vai querer nos impedir?

— Vou acompanhá-los como uma testemunha. — o xerife disse.

O rosto de Alex contorceu de ódio — Pode ficar com ela. Não era muito boa de cama, afinal.

O punho de Cal batendo no rosto de Alex o fez voar para trás, no chão. Atordoado, ele se levantou. Sacou uma pistola derringer de seu bolso e a levantou. Um tiro foi disparado, e apertando seu peito, Alex se dobrou e caiu na mesa do xerife.

Cal guardou sua arma, levantou sua perna e chutou o corpo para o chão e Laura olhou, em chocado silêncio.

— Nunca vi um homem sacar tão rápido. — o xerife disse — Só ouvi sobre um que conseguia. Deve ser Caleb Donnelly.

— Sim, sou eu.

— Ajude-me a tirar esse pedaço de lixo do meu escritório, depois irei chamar o coveiro.

No momento que os homens saíram da sala, arrastando o corpo de Alex com eles, Laura caiu em uma cadeira. Estava livre dele e do Âncora Dourada. Não pôde acreditar como Cal interveio para salvá-la. Por mais que quisesse, não iria obrigá-lo em sua proposta de casamento. Ser uma solteirona não seria tão ruim, agora que não tinha que viver com medo.



— Verei o coveiro depois te encontrarei na casa do pastor. — o xerife riu — É um homem muito sortudo, Donnelly. Se fosse vinte anos mais jovem, eu mesmo casaria com Laura.

— Ela é minha. — Cal disse — E sempre será. — deixou o xerife e caminhou de volta para o escritório dele. Estava provavelmente sorrindo, como uma doninha em um galinheiro — Está pronta, querida?

— Não tem que se casar comigo.

— O que?!

— Sei que apenas disse isso para me salvar de Alex.

— Não quer casar comigo? O que, diabos, quer, Laura? Pensei que tivesse sentimentos por mim.

— E tenho, Cal, eu o amo, é por isso que não o forçarei a se casar comigo.

— Diabos, mulher. — saltou pela sala, e colocou o rosto dela entre suas mãos — Eu te amo, Laura.

— Ama?

— Sim. Provavelmente desde a primeira vez que a vi, pairando sobre mim, como um anjo enviado do céu. Sou aquele que deveria estar hesitando quanto a nos casarmos. Não sou bom o suficiente, nunca serei...

O beijo dela interrompeu seu escoamento de palavras. Sua boca logo assumiu o controle da dela, quando ele aprofundou o beijo. Sua mão foi para o

seio dela. Finalmente, quando ele levantou sua cabeça, a paixão escureceu seus olhos para a marinho.

— Vamos até aquele pastor. Quero que nos casemos e amemos antes do fim do dia.

— Essa é uma proposta que nenhuma mulher poderia recusar. — riu, sentindo-se tão feliz, que pensou que poderia explodir.

— Pergunto-me se o armazém geral vende alianças de casamento. — meditou, enquanto apertava sua pequena mão na dele.



No dia seguinte, o sol entrou pela janela da cabana. Estavam na cama, satisfeitos, depois de horas de amor intenso, Laura passou a mão pela pele enrugada do ferimento de Cal — Sarou bem, mas sempre terá uma cicatriz. — esfregou-a com seus lábios.

— Sempre serei grato por ela. Trouxe Flame de volta para minha vida.

— Flame! — enrijeceu em seus braços.

— Sabe, sonhei contigo por semanas, depois de nosso encontro.

— Cal.

— Bem, sonhei, depois, quando me encontrou na trilha, sempre tive uma sensação de que nos encontramos em algum lugar, de alguma forma, antes. Pensei que estivesse confuso, porque quase morri. Isso faz sentido? Era um quarto escuro e estava bêbado, ainda assim, lembro do seu cabelo, de quão macio era.

— Até a noite que foi lá, eu só tinha trabalhado no saloon do Âncora Dourada, convencendo homens a comprarem bebidas e gastarem seu dinheiro. Seria meu primeiro cliente, então me deram algo para que eu não criasse confusão. Vi seu rosto através de uma neblina induzida por droga, acho.

Ela repousou sua mão no coração dele — Lembro de roubar o dinheiro de um caubói, e me odiei por fazer isso, porque ele foi gentil, mas eu tinha que escapar daquele lugar. Eu teria me matado, ou me tornado tão viciada à droga que me deram, que não poderia viver sem ela.

— Se não estivesse tão bêbado, eu teria percebido que algo não estava certo.

— No momento que te encontrei, perto daquelas árvores, Cal, tive a mais estranha sensação de que já nos vimos antes.

— Não deveríamos olhar para trás, querida, não agora, quando nos reencontramos.

— Espere. — saiu da cama — Tenho uma coisa para lhe dar. Nua, foi até a cômoda e pegou o colete cuidadosamente dobrado — Isso lhe pertence, acredito. Voltou para a cama e o entregou.

— Fique com ele.

Ela sorriu para a expressão chocada em seu rosto — Sempre esperei conseguir devolvê-lo com o dinheiro que roubei. Bem, não consegui o dinheiro ainda, mas...

— Oh, querida, eu te amo e nunca pensei que diria essas palavras a uma

mulher. Volte para a cama.

— E quanto a ordenhar e...

— No momento, seu marido precisa de sua companhia, mais do que a vaca.

Entusiasmada, ela pulou de volta na cama e voltou para os braços amorosos dele.

EPÍLOGO



Doze meses depois

Laura estava sentada na sala, costurando as meias de Cal. Christina, de dois meses, estava deitada em seu berço. Pelos tufo de cabelo já visíveis, ela, provavelmente, seria ruiva, mas, definitivamente, tinha os olhos azuis brilhantes de seu pai.

Cal chegaria em casa logo. Fez o que os ingleses chamavam de pastéis da Cornualha para o jantar. Legumes finamente cortados em cubos, com uma pequena quantidade de carne picada, envoltos em massa, com uma crista no topo para mantê-la unida. Essa era uma das receitas de sua mãe.

Aparentemente, as esposas dos mineiros da Cornualha pensaram na ideia do cume ao longo do topo, para que seus homens pudessem segurar com mãos encardidas, sem sujar o resto da massa. Não sabia se isso era verdade ou não, mas parecia razoável.

Não houve nenhuma carta de sua mãe, não que ela esperasse receber uma. No que dizia respeito a Eliza, sua vida na América estava morta e enterrada, e isso incluía sua única filha.

Como uma mãe podia fazer isso? Laura olhou para Christina. *Eu mataria para deixar minha filha segura e feliz.* Nenhum sacrifício seria muito grande.

— Estou em casa, querida. — Cal chamou, enquanto entrava na sala — Como minhas duas lindas garotas estão indo?

— Muito bem.

— Tenho boas notícias.

— O que foi? — largou sua costura na cesta e se levantou com um salto.

— Está agora olhando para o novo xerife de Forked Creek.

— Oh, Cal, parabéns. Sabia que conseguiria o trabalho, mesmo sem a recomendação do xerife Davies. Nenhuma cidade recusaria a oportunidade de conseguir um homem da lei como suas habilidades.

— Acho que é tendenciosa. Isso significa mudar para a cidade.

— Eu sei. Discutimos tudo isso quando o xerife mencionou que estava se aposentando, e ainda podemos manter o rancho funcionando. Posso cozinhar um pouco para Peggie, na taberna. Isso seria perfeito para nós.

— Contanto que minhas duas lindas garotas estejam felizes. Olhou dela para o bebê e de volta para ela.

Puxou-a em seus braços e lhe deu um beijo longo e apaixonado, e não

havia mais nenhum outro lugar onde ela quisesse estar. Depois de tanta dor, agora tinham muitos anos felizes pela frente.

Cal virou sua cabeça e cochichou no seu ouvido — Sou o homem mais sortudo em toda Dakota do Sul, e tudo graças a você, querida.

Fim.

TRECHO DE SOPHIE

Livro 4



Abandonada em um Saloon por seu marido bígamo, Sophie é forçada a fugir da cidade usando apenas um vestido de prostituta de saloon. Resgatada por índios Lakota, vive com eles até que ela e seus amigos são capturados por um grupo de criminosos. Ela foge e se esconde na floresta.

Tentando encontrar o caminho de volta para o povo Lakota, fica à beira da morte quando é salva por Gabe Benton, um homem cuja vida é manchada pela sede de vingança.

Gabe fica chocado quando descobre que a mulher que resgatou não é índia, mas branca. Eles se apaixonam, mas o que acontecerá quando Gabe descobrir que Sophie está envolvida na morte de sua esposa?

CAPÍTULO UM



Enquanto ela esperava pelo retorno das outras mulheres, Little Bear colocou três peixes em uma grossa camada de grama e os descansou em pedras quentes. Cobriu-os com outra camada de grama e empilhou cinzas em cima. Seu estômago roncava pela perspectiva de comida quente em sua barriga. Agachando-se no chão, estendeu suas mãos para o calor vindo do pequeno fogo.

A caça havia sido ruim no vale, onde as mulheres e crianças da outrora orgulhosa tribo do chefe Straight Arrowa se escondiam. Depois que uma batalha com soldados os dizimou, os guerreiros restantes partiram, procurando por um lugar permanente para viver.

Os bravos não voltaram, apesar de muitas luas terem passado. Com os choros de crianças famintas e os lamentos de índias idosas ecoando em suas orelhas, ela e as únicas outras mulheres jovens que não estavam grávidas, ou com bebês para amamentar, partiram para mais longe, em busca de comida.

White Dove voltou com um pequeno cervo pendurado sobre seus ombros magros, seu sangue escorrendo pelo braço. Apenas recentemente se tornou uma mulher, mas três guerreiros já quiseram se casar com ela. Bright Moon estava atrás dela, carregando um arco e flecha, pequeno o suficiente para uma mulher usar, mas muitíssimo preciso, do mesmo jeito. Três outras moças cambaleavam debaixo do peso de cestas de bambu, cheias de raízes.

Um sol fraco brilhando em um céu azul nublado não dava calor, e Little Bear estava grata pela capa de castor que usava em volta de seus ombros.

Uma vez liberadas de suas cargas, as moças agacharam em volta do fogo, esperando o peixe cozinhar.

— Acho que me casarei com Running Wolf quando voltar. — White Dove disse de repente — Ele é tão lindo e não tem outras esposas.

— Wild Elk é velho, mas faz medicamentos poderosos. — Bright Moon disse.

— Eu o escolheria.

Little Bear ouviu com uma pontada de inveja. A tribo a acolheu depois que a encontraram desmaiada, e quase morta, quando escapou de Max Russell e seus planos malignos. Eram sua família agora e seu pai morreu esmagado por uma árvore, três anos atrás.

Os Lakota a tratavam bem, mas ela era infértil, e nenhum bravo queria uma esposa que não pudesse lhe dar filhos. Fora isso, era um deles, exceto que tinha que manter mais de seu corpo coberto que suas amigas, por causa de sua pele clara.

Um estrondo de cascos a fez virar. Vários caubóis corriam para elas.

— Corram. Corram. — gritou na língua Lakota.

Disparos soaram, e Little Bear correu por sua vida. Sabia muito bem o que o homem branco podia fazer com as mulheres índias.

As árvores e a segurança estavam próximas agora, mas os cavalos e cavaleiros estavam alcançando. Sua respiração estava difícil. Um grito percorreu o ar. Não ousou olhar em volta. Outro cavalo saiu de trás de um grupo de árvores. Ela estava encurralada entre dois cavaleiros.

Correndo para um lado, tentou correr mais que os homens montados. Levaram-na para longe do santuário da floresta. Continuou correndo, até que um dos cavaleiros pulou de seu cavalo e a derrubou no chão, com um baque doentio. Sua cabeça bateu em algo duro e a escuridão se seguiu.

Little Bear acordou e piscou seus olhos. Tentou mover sua cabeça e a dor

atravessou seu crânio. Uma corda estava amarrada em volta de seu pescoço e pulsos, prendendo-a a outra jovem mulher. O terror a dominou. Sua cabeça latejava tão forte, que temeu que abrisse rachando. Seis de suas amigas, incluindo White Dove, foram capturadas.

— Não vejo por que não podemos transar com elas, uma ou duas vezes, antes de as entregarmos. — um dos homens disse — Elas podem ser selvagens imundas, mas abrirão suas pernas, da mesma maneira que qualquer outra vagabunda.

— Não poderia me pagar o suficiente para tocar nenhuma delas. — outro homem disse.

— Eu as montaria por nada. Gosto de carne marrom, muito mais saborosa do que a branca.

Não tinha ouvido homens falando inglês por muitos meses. Max e alguns de seus amigos frequentemente usavam linguagem suja como essa.

Seu crânio doía tanto agora, que não conseguia pensar coerentemente, mas, se não arranjasse um plano, todas estariam condenadas. Deveria admitir ser branca como eles? Isso ajudaria ou pioraria as coisas? Melhor deixá-los pensar que era Lakota como as outras, por enquanto. O vestido de camurça escondia seu corpo branco. Seu rosto e pernas estavam bronzeados. Com gordura animal esfregada em seus membros e a sujeira entranhada, não parecia muito diferente das outras mulheres. Se mantivesse sua cabeça baixa, quando os homens estivessem perto, não veriam seus olhos cinzentos. Continuaria como Little Bear, da tribo Lakota, não mulher de Max Russell, Sophie Bear.

Fechou seus olhos para apagar o terror, o absoluto horror da terrível situação delas. Um grito de terror abriu seus olhos. Um jovem com uma cicatriz dividindo sua bochecha esquerda em duas, estava em cima de uma das prisioneiras.

Um homem de rosto avermelhado interveio na situação — Wilson, afaste-se dessa índia imunda. — gritou. — O reverendo não pagará por mercadoria estragada.

Foram necessários três deles para tirar Wilson. Suas calças estavam abertas, expondo sua carne nua. O homem lhe deu um tapa, que o mandou voando para o chão — Eu mando aqui. Se quiser ser pago, seu filho da puta, obedeça.

Wilson se levantou e, com vários palavrões, se afastou.

— Direi isso mais uma vez. — o homem rosnou. Ele tinha feições agressivas, seus olhos frios e azul-gelo eram desprovidos de qualquer humanidade. Duas pistolas colts enchiam os coldres apoiados em seus quadris, e, pelo olhar dele, não teria medo de usá-las.

— Não mexa com essas índias, o reverendo paga caro por virgens. Tire isso delas e não valem nada, e teremos que desperdiçar uma bala nelas.

Um murmúrio raivoso percorreu os homens, demônios que eram, obviamente não ousavam desafiá-lo. Quem era esse reverendo? Provavelmente um dono de bordel, essa foi a única explicação que conseguiu

encontrar.

Se ao menos sua cabeça parasse de latejar, isso lhe permitiria pensar mais claramente. Algumas mulheres começaram a chorar.

— Calem a boca, suas vadias imundas. — alguém rosnou.



Por dois dias, foram arrastadas em fila única, atrás dos cavalos. Conforme percorriam uma trilha difícil, não passaram por ninguém. O campo tornou-se mais acidentado, mais seco e, se fosse verão, teriam morrido nessa marcha forçada.

Duas vezes por dia, recebiam água, à noite, alguns punhados de feijões. Era jogado no chão, na frente delas. Sophie estava tão faminta que devorou, com terra e tudo.

Pela fogueira cintilante, olhava os homens descansando em volta. Tinha que escapar, mas como? Assim que alcançassem os campos, fugir seria impossível. Não haveria cobertura, nenhum lugar para se esconder.

Queria falar com White Dove ou Bright Moon, mas não podia, nem ousava fazer contato visual com elas. Sua cabeça latejava, as solas de seus pés ardiam e ela tremia no frio da noite. O homem chamado Wilson tomou seus mocassins — Não irão longe no escuro sem eles. — disse, com um sorriso maldoso.

MULHERES TRAÍDAS



Livro I



Sem recursos, Claire, de 18 anos, é forçada a trabalhar em um clube masculino de alta classe em New Orleans. Um encontro casual com seu namorado de infância, Aaron Kirby, dá a ela a esperança de que ele possa ajudá-la a escapar do impiedoso dono do clube.

Aaron fica chocado ao acordar em uma mansão de Nova Orleans e encontrar Claire em pé junto à sua cama, vestida apenas com um roupão diáfano. Ele concorda em ajudá-la a escapar e eles fogem por um túnel secreto.

Claire espera encontrar a felicidade com Aaron em seu rancho no Texas. Mas será que seu passado vergonhoso impedirá que a encontrem juntos?

Nível de calor - leve. Uma história independente com um final HEA.

Livro 2



Rotulado como traidor por seu irmão traíçoeiro, Nathan Montgomery é renegado por sua família e por seu país. Em uma cidade sem lei como Deadwood, um homem pode se esconder de seu passado e ter uma vida confortável, sem questionamentos.

Tess Smith esconde um perigoso segredo de seu passado. Ela encontra consolo em suas habilidades como acrobata circense, mas quando seu gentil mentor morre, ela é deixada à mercê de seu malvado sobrinho.

Tess e Nathan poderão encontrar a felicidade juntos ou forças obscuras os manterão separados?

Livro 5



Uma infância traumática faz com que Scarlett caia nas mãos de Jake, um impiedoso dono de saloon. Ele a treina para se tornar a atração principal do bordel The Black Stetson.

Enviada para dar nova vida a um bordel flutuante no rio Mississippi, Scarlett se apaixona pelo arrojado piloto do barco a vapor, Liam. Um trágico acidente em New Orleans separa os amantes.

Scarlett retorna ao Black Stetson, assustada, sozinha e grávida.

Será que ela conseguirá persuadir Jake a deixá-la ficar? E, se conseguir, até que ponto Scarlett terá de ir para manter o bebê de Liam a salvo?

Livro 6



Criada em um orfanato e conhecendo apenas as dificuldades e o desespero, Jessica cai facilmente na armadilha “melosa” do dono de um bordel.

Ethan vê Jessica em uma carroça de prostitutas. Ela o roubou, então por que ele deveria acreditar que era uma vítima inocente, e não uma pomba suja?

Depois de serem forçados a deixar a cidade, Ethan e Jessica se deparam com uma garotinha órfã e, para ficar com ela, terão de se casar.

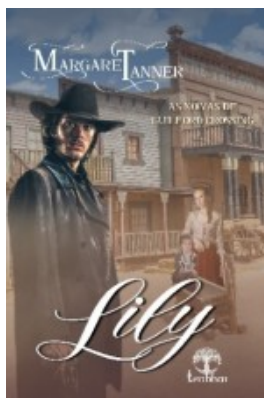
Será que forças obscuras do passado os impedirão de encontrar o seu felizes para sempre?

MAIS DA AUTORA



NOIVAS DE GUILFORD CROSSING

Livro I



9786580754533

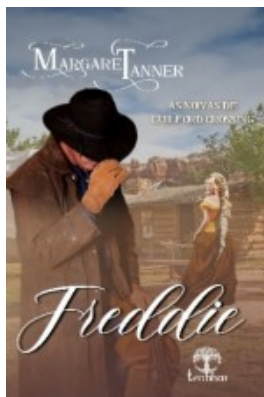
[Compre aqui](#)

Lily perdeu tudo, sua casa, sua família e sua reputação.

Matt precisa desesperadamente de uma jovem para ajudá-lo a cuidar de sua sobrinha recentemente órfã, e um casamento de conveniência seria a solução para todos os seus problemas.

Quando os segredos de Matt e Lily Harbor forem finalmente expostos, sua união vai acabar em felicidade ou desespero?

Livro 2



9786580754526

[Compre aqui](#)

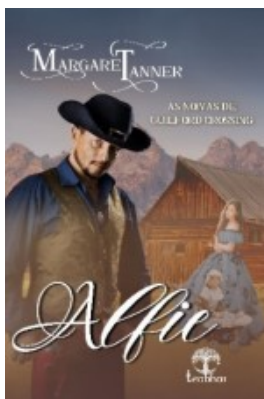
Um evento catastrófico entrega Winifred (Freddie) Guilford, nos braços do rancheiro recluso Nicholas Brown.

Criadas por um pai tirânico, Freddie e suas irmãs se vestem e trabalham como homens. Enviada numa missão perigosa pelo pai, Freddie é capturada por um bando de foras-da-lei desesperados.

Nicholas é um desconfiado recluso que tem evitado as pessoas desde que voltou da luta com o Exército da União.

Será que suas chances de encontrar a felicidade juntos serão arruinadas por eventos do passado?

Livro 3



9786580754519

[Compre aqui](#)

Seus sogros impiedosos, os Montagues, a querem morta.

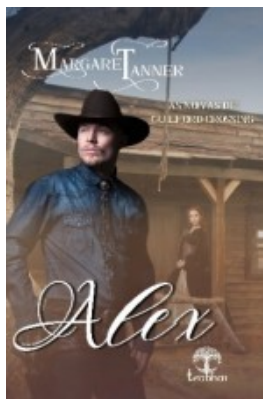
Se estiver carregando o filho de seu falecido marido, a sentença de morte será adiada para depois que o bebê nascer, então será descartada.

Ao ouvir os planos diabólicos deles, Alfie foge.

O caçador de recompensas, Eli Darcy, é contratado pelos Montagues para trazer Alfie.

Quando os dois se encontram, faíscas voam entre eles e Eli tem que fazer uma escolha. Entregar Alfie e receber uma enorme recompensa, ou seguir seu coração e se casar com ela.

Livro 4



9786580754571

[Compre aqui](#)

Desafiando seu pai, Alexandra (Alex) Guilford, começa uma perigosa viagem pelo Texas para resgatar sua irmã desaparecida, Alfie.

Acreditava que encontraria perigo e engano antes que sua missão fosse cumprida. Mas em seus sonhos mais loucos, nunca esperou ser jogada na cadeia, nem se apaixonar por um rancheiro condenado.

Com a marca de um assassino, Noah Greene está na cadeia esperando para ser enforcado.

Sob tais circunstâncias, será que o amor de Alex e Noah prevalecerá? Ou os obstáculos são grandes demais para que possam ser superados?

LIVRO ÚNICO



9786588382202

[Compre aqui](#)

Uma história de posse, tragédia e traição na Austrália colonial.

Eram necessários homens fortes como Martin Mulvaney, para domesticar uma terra dura e depois defendê-la contra todos aqueles que cobiçavam sua agora próspera fazenda. Mas segredos antigos têm o poder de arruiná-lo. Uma

mulher possessiva de seu passado quer reacender o relacionamento que tiveram e não vai parar por nada até recuperá-lo.

No centro deste turbilhão está Elizabeth Campbell.

Depois de escapar das garras de um cigano vil e perigoso, Elizabeth Campbell tropeça na fazenda de Martin. Sofrendo amnésia, ela não se lembra de nada de sua vida passada, e Martin não percebe que é a neta de seu inimigo mortal, Fergus Campbell.

Uma antiga disputa escocesa, um amor que nunca deveria ter acontecido, e uma série de coincidências extraordinárias prendem Martin e Elizabeth em uma vingança que ameaça não só destruir seu amor mas também suas vidas.

MARGARET TANNER



Margaret Tanner é uma autora australiana premiada e com várias publicações, que escreve Romance contemporâneo, Romance histórico e Romance Western com uma pequena dose de paixão.

Ela adora mergulhar nas páginas da história enquanto realiza pesquisas para seus romances históricos. Nenhum livro é muito velho ou esfarrapado para ela folhear, nenhum museu é muito empoeirado ou um site é muito difícil de navegar. Muitos de seus romances foram inspirados em fatos reais, com um deles sendo escrito sobre as dificuldades e triunfos de seus ancestrais pioneiros na fronteira da Austrália. Certa vez, ela passou algumas horas em uma cela de prisioneiros antiga para poder sentir o frio arrepiante e o medo.

Ela agora se apaixonou em escrever Romance Western Histórico e achou fácil essa transição. A fronteira da Austrália e a fronteira da América têm muitas semelhanças, como comunidades isoladas que vivem em um ambiente severo e implacável, uma grande população de homens solteiros e a falta de mulheres para casar.

Suas histórias são carregadas de drama. Seus heróis se escondem atrás de um exterior áspero. São homens durões, preparados para enfrentar o perigo e as disputas esmagadoras pelas mulheres que amam. Suas heroínas são mulheres corajosas e engenhosas, dispostas a suportar dificuldades e perigos em uma terra indomável, se isso significar que podem conquistar o coração dos homens que amam.

Margaret é casada e tem três filhos adultos e duas lindas netas.

Fora de sua família e amigos, escrever é sua paixão.

INFORMAÇÕES LEABHAR



Acompanhe-nos e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o [E-mail Leabhar Books®](#)

Table of contents

1. Capa
2. Folha Rosto
3. Direitos Autorais
4. Agradecimento:
5. Capítulo Um
6. Capítulo Dois
7. Capítulo Três
8. Capítulo Quatro
9. Capítulo Cinco
10. Capítulo Seis
11. Capítulo Sete
12. Epílogo
13. Trecho de Sophie
 1. Capítulo 1
14. Mulheres traídas
15. Mais da Autora
16. Margaret Tanner
17. Informações Leabhar

Guide

1. Cover
 2. Beginning
-
1. 1
 2. 2
 3. 3
 4. 4
 5. 5
 6. 6
 7. 7
 8. 8
 9. 9
 10. 10
 11. 11
 12. 12
 13. 13
 14. 14

15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)

59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)
79. [79](#)
80. [80](#)
81. [81](#)
82. [82](#)
83. [83](#)
84. [84](#)
85. [85](#)
86. [86](#)
87. [87](#)
88. [88](#)
89. [89](#)
90. [90](#)
91. [91](#)
92. [92](#)
93. [93](#)
94. [94](#)
95. [95](#)
96. [96](#)
97. [97](#)
98. [98](#)
99. [99](#)
100. [100](#)
101. [101](#)